

município de Minaçu em Goiás, instalou a igreja sob o pedido de um morador do Engenho II (Figura 22).



Figura 22. Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Foto: MOREIRA, Out. 2012.

A paisagem que em determinado momento histórico não apresentava uma função definida, atualmente remete a outras maneiras de convívio dessa sociedade pautadas na fé e que sob outras formas simboliza o sagrado. Esses símbolos marcam profundamente a paisagem do lugar Kalunga. De acordo com Santos (1994) a paisagem apresenta funções, ela resulta “de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos” (SANTOS, 1994, p. 61).

O lugar ganhou novos movimentos, imagens e sons, inclusive no período noturno devido à luz elétrica. O folião que nos acompanhou, afirma que não é contrário à novas manifestações religiosas na comunidade, pois é um direito de qualquer indivíduo manifestar sua fé. Mas ao converter-se a essa igreja, os antigos católicos, em alguns casos, rompem com os laços de amizade com o restante do grupo. O lugar é, portanto, uma construção de relações sociais, de ocupação e de apropriação (CARLOS, 1996).

Ainda durante a caminhada, um instrumento muito nos chamou à atenção ao emitir um som “ensurdecedor” e exalar cascas de cores amarelas por todos os lados em sua volta. A “máquina de limpar o arroz” é um equipamento bastante recente na paisagem do lugar (Figura 23). Instalado no quintal de um dos moradores há aproximadamente cinco anos, esse instrumento facilita a condição de trabalho dos Kalunga, que não mais precisam se deslocar até a cidade para limpar o arroz colhido nas roças. Os moradores nos explicaram que antigamente, nessa etapa do processo produtivo, eles precisavam ir até a cidade ou nas fazendas da região. Nesse caso, eles

carregavam as sacas em uma mula ou cavalo, ou em automóveis se conseguissem carona com algum morador de Cavalcante.



Figura 23. Máquina de Secar e Descascar Arroz.
Foto: MOREIRA, Out. 2012.

As nuances na paisagem nesse ponto do trajeto explica muito do cotidiano Kalunga. A rotina aparece sob várias formas que especificam as funções das paisagens que se mesclam e que possibilita interpretações para quem a lê.

À paisagem rural do quilombo foi inserida a técnica, alterando a maneira antiga de produção ao introduzir um novo negócio. “A relação entre paisagem e produção está em cada forma produtiva que necessita de um tipo de instrumento de trabalho” (SANTOS, 1994, p. 66). Segundo o autor, a paisagem se organiza segundo os níveis da produção e nesse caso temos a distribuição e o consumo.

Esses novos elementos inseridos no lugar constituem as paisagens culturais que para Relph (1979), resultam-se da ligação interna que une os elementos da paisagem e o homem. Os instrumentos e construções compõem a paisagem experienciada, tendo em vista que “partilham do caráter da existência humana, [...] e dos valores simbólicos” (IDEM. p. 14). Os signos impressos na paisagem desdobram-se em subjetividade, haja vista que os elementos urbanos e de produção inseridos no lugar possuem significados simbólicos, a partir das práticas sociais e culturais que os envolvem. A facilidade, advinda com a implantação de novos mecanismos de produção, surge para os Kalunga como solucionadora de problemas, antes impostos à comunidade. Em outras circunstâncias como a aglomeração de comércio, além de gerar conflitos, aparecem nas palavras de alguns moradores, como uma forma de alavancar o processo de desenvolvimento do lugar.

A amarração dos elementos elencados no Mapa Falado e a sua visualização por meio da Caminhadas transversal instigam reflexões sobre a percepção dos Kalunga sobre o seu ambiente, o lugar e as paisagens que o compõem. Elementos paisagísticos que possuem significado foram evidenciados na tentativa de representar a realidade do lugar. Em outros casos, os aspectos que promovem reflexão na própria comunidade também foram salientados na elaboração do mapa.

No Mapa Falado, a casa do líder local é maior, mais rica em detalhes como portas e janelas. O grupo incorpora ainda próximo a esse local, o novo restaurante em processo de construção e que pertence a essa liderança. Assim como no desenho elaborado pelo grupo, essa casa é maior que as demais. Ela não foi doada pelo governo e foi construída em alvenaria, seu interior possui equipamentos elétricos e eletrônicos. Portanto, na percepção dos moradores há diferenças significativas nos desenhos sociais da comunidade e essa realidade foi representada pelos moradores.

A paisagem, então, evidencia as relações de poder (DUNCAN, 2004) desdobrando-se em novas marcas e matrizes no lugar Kalunga. A paisagem é marcada pela cultura dominante, possui signos os quais foram lidos por meio do som, das histórias, dos gestos e dos elementos que possuem significado para os indivíduos que ali vivem. Mas, a paisagem também evidencia saberes e conhecimentos que foram transmitidos pelo princípio da tradição. Esses aspectos também marcam a paisagem e definem as trajetórias do lugar Kalunga aproximando e atenuando as linhas que caracterizam os conflitos sociais e econômicos conforme descreveremos na seção seguinte.

2.3 Saber popular nas paisagens do quilombo

No Engenho II, identificamos a relação dos Kalunga com o lugar por meio de suas paisagens culturais. Esse povo reconhece os elementos naturais presentes no cerrado ao olhar ou tocar. Muitos desses produtos são apropriados pelos moradores para a construção de casas, o fabrico de instrumentos musicais, de alimentos e de artesanatos. Os alimentos servidos nos momentos festivos, por exemplo, e em outras reuniões comunitárias são característicos do lugar. Da mesma forma, os instrumentos utilizados nas folias são artesanais e produzidos com materiais advindos da natureza (Sementes de Frutos do Cerrado, Couro de animais silvestres, etc). A *bruaca*, por exemplo, é uma caixa utilizada pelos mais antigos para carregarem objetos a cavalo ou mula. É fabricada com couro de animais silvestres ou gado, com frutos colhidos nas roças, e é utilizada

como instrumento musical. Com o uso de elementos do cerrado para a produção artesanal, os Kalunga apropriam-se da paisagem natural e a transforma por meio da cultura.

Almeida, Vargas e Mendes (2011, p. 33) explicam que a paisagem é um produto e “ao mesmo tempo, produtora da natureza social e cultural das sociedades”. As ações dos homens estão imbricadas com as paisagens culturais. Existe uma relação de apropriação e complementaridade entre o homem e as paisagens naturais e produzidas. As autoras ainda salientam que “a paisagem, na concepção da geografia cultural, diz respeito à nossa posição na natureza, de que sua elaboração se dá pela percepção e pela razão humana e que ela sempre esteve ligada com a cultura” (IDEM, p. 28).

Outro exemplo representativo da relação do homem com a natureza, na comunidade pesquisada, é a busca por plantas medicinais nas roças e/ou nas matas fechadas. Durante um passeio, uma das moradoras nos mostrava plantas e raízes para curar diversos sintomas, como: Araticum, “Rabo de Tatu” (raiz amarga, típica do cerrado), Algodãozinho, Assa Peixe e Sucupira²¹ eram as mais citadas. Como alimento, a moradora cita Jatobá, Pequi e Buriti²² que são encontrados na natureza e que ainda não foi necessário plantar. Quanto às plantas, apenas ao olhar, sabia identificar para qual sintoma era indicado o uso da medicação. Essas espécies também são utilizadas para a fabricação de alimentos como bolos e geleias.

Alguns Kalunga também mantêm em seus quintais hortas que foram criadas no sistema mandala (Figura 25). Essa técnica consiste em plantar os vegetais em um círculo concêntrico em que há pequenos caminhos para que os agricultores possam transitar sem pisotear os frutos, leguminosas e verduras. Os alimentos mais comuns nas hortas Kalunga são alface, tomate, mandioca, abóbora e cebola.

²¹ *Anona crassiflora* (Annonaceae), *Centrosema bracteosum* (Fabaceae), *Coclospermum regium* (Cochlospermaceae), *Vernonia ferruginea* (Compositae) e *Pterodon pubescens Benth.* (Leguminosae) respectivamente (VILA VERDE, G. M.; PAULA, J.R.; CARNEIRO, D. M, 2003, p. 64-66, 2003).

²² *Hymenaea stigonocarpa*, *Caryocar coriaceum* e *Mauritia flexuosa*, respectivamente (CONCEIÇÃO, G. M. et al., 2011).



Figura 25. Imagem que exemplifica as formas de hortas mandalas, pois não conseguimos registrar fotografias que pudessem mostrar as formas do sistema mandala. Fonte: <http://www.mst.org.br>. Acesso em 22 de Janeiro de 2013

O cultivo de hortas é um processo que foi construído historicamente pelos Kalunga. No entanto, atualmente existem instituições, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Goiás que possuem projetos para garantir o aperfeiçoamento da prática de permacultura²³, ao fornecer cursos e oficinas. Tais iniciativas contribuem para o melhoramento do solo e para o aumento da produtividade, por meio de adubação com a utilização de húmus fabricado com restos de alimentos e esterco. Ao apoderar-se desses saberes, os Kalunga adquirem uma atividade de complementação da renda.

Outro projeto que se caracteriza em uma intervenção às práticas produtivas e econômicas no território Kalunga é a reintrodução do gado curraleiro no Engenho II²⁴. Ao restabelecer essa prática produtiva, há um aumento na produção de alimentos e que alavanca a produtividade, valorizando a cultura local e instrumentalizando-a para a gestão da biodiversidade do cerrado.

Na conjuntura de intervenções para o resgate dos saberes populares dos quilombolas, a confecção de artesanatos também se insere como uma prática de auxílio da renda Kalunga. Algumas mulheres no Engenho II fabricam jogos americanos e toalhas de mesa utilizando apenas as folhas de buriti. Os teares também são recursos acessíveis às Kalunga que os utilizam para a confecção de cachecóis e mantas de fios e

²³ Handerson (2012) explica que a Permacultura é o uso “consciente” contando com utilização mínima de alguns materiais degradantes ao meio ambiente. Para essa autora, o discurso de educadores ambientais salienta que a permacultura está baseada no conhecimento ancestral de técnicas de plantio e de manejo do solo.

²⁴ Esse projeto é desenvolvido pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Goiás em parceria com o Ministério da Integração Nacional e tem como coordenadora geral a professora Dra. Maria Clorinda Soares Fioravanti.

tecidos adquiridos em Cavalcante. Esses produtos são comercializados na própria comunidade à turistas e aos moradores do centro urbano.

Essas atividades são desenvolvidas gradativamente pelos quilombolas, uma vez que algumas dessas práticas foram esquecidas e que são retomadas na medida em que, conforme já mencionado, instituições intervêm no processo de qualificação dos Kalunga para a realização de outras atividades econômicas.

Os arranjos produtivos especificados demonstram o significado do Cerrado para a sobrevivência dos Kalunga. O uso dos recursos naturais, por meio de mecanismos tradicionais evidencia a conservação das terras, ao passo que os quilombolas mantêm uma relação direta entre o saber fazer e o ambiente, ao transformar a paisagem natural em cultural.

As questões referentes à relação do sertanejo com o seu lugar são relatadas por Almeida (2008) que explica a apropriação da paisagem natural e a transformação do meio ambiente pelo homem. Essas paisagens possuem significados simbólicos e “refletem as formas de como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural” (ALMEIDA, 2008, p. 47).

Apesar dessa habilidade e saber popular para confecção de objetos, alimentos e medicamentos fitoterápicos, é muito comum materiais como panelas, roupas, alimentos e remédios serem comprados na cidade. Os moradores consideram mais baratos e com qualidade superior aos fabricados na própria comunidade.

Alguns alimentos que podiam ser produzidos em casa, ou que eram evitados devido à dificuldade em comprá-los na cidade, como pães, biscoitos, sucos e doces, atualmente podem ser adquiridos em estabelecimentos implantados no local. A paisagem adquire novas estruturas e funções para atender ao consumo como fora colocado por Santos (2002). A paisagem se torna, portanto, diversificada quando comércios e novos lugares para lazer são incorporados ao meio rural.

Os Kalunga se apropriam simbolicamente do ambiente em que vivem, conhecem a natureza e a ordem natural do espaço. A inserção de novos hábitos não impede que este espaço se qualifique como lugar, mas ameaça as práticas culturais tradicionais, construídas historicamente com o lugar em que vivem. Os saberes tradicionais que foram repassados de geração em geração por meio da oralidade podem ser esquecidos, na medida em que deixarem de ser reproduzidos.

Há estudiosos que relacionam as práticas culturais e saberes populares dos Kalunga com costumes dos negros africanos. Em um dos “giros” de folia, observamos

as danças do local: a Sussa e a Curraleira. Silva Júnior (2008) explica que as danças Sussa e Curraleira são típicas brasileiras, mas que trazem algumas características da cultura africana como o pisado, o pandeiro, as palmas, o movimento giratório e o confronto de corpos. Nas palavras desse autor

na *sússia*, as marcas do camdomblé são evidentes: as mulheres dançam girando, com vestidos coloridos, ora aproximando os corpos, ora afastando. Muitas vezes bebem enquanto dançam e o ritmo é marcado pelos cantadores e pelos instrumentos. As letras, normalmente têm duplo sentido (mencionando o baixo-corporal) e as mulheres gargalham, gritam e se movimentam em uma espécie de transe (SILVA JUNIOR, 2008, p. 4).

Ao contrário do exposto pelo autor, em nossas observações registramos que a *sussa* é um momento de muito respeito, uma vez que faz parte dos rituais religiosos. Atualmente, as mulheres dançam também em festivais como o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros que acontece em Alto Paraíso (GO). Há oficinas realizadas pelas mulheres mais velhas, para ensinar a *sussa* para crianças e adolescentes, para que essa tradição não seja esquecida.

A *curraleira* recebeu esse nome porque, segundo Silva Junior (2008), essa dança acontecia nos currais. As coreografias lembram os movimentos da *catira*; os *foliões* ficam lado a lado, batem os pés e as mãos enquanto cantam os versos das *folias*. Há muitas brincadeiras, perguntas e respostas, elogios e críticas nesses versos, mas também homenagem aos santos devotados.

Rodrigues (2011) reconhece a semelhança entre a *curraleira* e a *catira*. Em sua pesquisa de mestrado, o autor identificou os movimentos, ritmos e músicas usadas na *curraleira* e argumenta que o ponto comum entre as duas danças está no uso da *viola caipira*, acompanhando seu som com palmas e *sapateados*. Rodrigues (2011, p. 55) explica ainda, que “conforme a tradição essas danças surgiram quando os tropeiros se reuniam para assar carne do gado *curraleiro* e cantar”. Os músicos tocam e dançam ao mesmo tempo. É uma dança de homens e não há presença de mulheres tocando instrumentos.

As descrições de Rodrigues e Silva Junior correspondem com exatidão aos movimentos singulares das danças *Kalunga*. Na *curraleira*, os *foliões* se organizam em duas fileiras formando duplas. Ao iniciar o som dos instrumentos, os homens batem os pés com intensidade no chão tentando pisar nos pés uns dos outros. Às vezes trocam os pares, outras dançam em círculo e os risos são constantes, acompanhados pelas palmas de quem dança e daqueles que os assistem. Ao contrário, a *sussa* é executada por

mulheres que se vestem à caráter com longos vestidos rodados e coloridos, que ao se organizarem em círculo movimentam freneticamente os corpos. Alguns passos enfatizam a sensualidade das mulheres que rebolam ora levantando as saias até o joelho rodopiando pelo espaço da festa. Em alguns momentos, colocam garrafas nas cabeças e dançam equilibrando esse objeto ao som das caixas e pandeiros dos foliões.

Conforme já mencionado anteriormente, as canções durante essas performances relatam situações de fé, devoção, agradecimento e pedidos aos santos, mas também de regozijo emanando um tom jocoso. Essas práticas culturais também compõem as paisagens dessa comunidade e são construídas baseadas em símbolos. No caso das paisagens festivas, elas delimitam um espaço por meio da ornamentação, pelos ranchos construídos para atender um público temporário, pelas fogueiras, pelos espaços reservados para as danças (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011).

As paisagens culturais nesses processos configuram-se segundo a percepção dos indivíduos que as observam, as sentem e se reconhecem nelas. Mas também denunciam redefinições e refuncionalização do lugar Kalunga pelos novos atores sociais, pois as paisagens festivas abrem espaço para as relações fora da fronteira do rural e do urbano ao receber o Outro. Todavia, cabe compreender se essas relações estão pautadas na alteridade ou baseia-se apenas nas efemeridades baseadas em encontros fugazes, sem significado para quem visita e para quem vive no lugar Kalunga. A alteridade é um dos temas que surge em uma breve reflexão que faremos a seguir sobre o processo de turistificação do lugar.

2.4. Alteridade no Engenho II: o encontro com o outro

Outro fator relevante na identificação das paisagens do cotidiano do Engenho II é o seu processo de turistificação. A atividade turística no lugar não é recente. Os moradores afirmam que na década de 1990 começaram a chegar os primeiros turistas, e isso se deve ao crescente mercado turístico de Cavalcante. Esse município é o maior da Chapada dos Veadeiros, com extensão territorial de 6.953,646 km²²⁵ e situa-se em um dos lugares mais bonitos e ricos em belezas naturais da região norte goiano (Figura 26).

²⁵ Dados do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=cavalcante&codigo=&submit.x=35&submit.y=8>, Acesso em 20 de Julho de 2012 às 15h33min h.

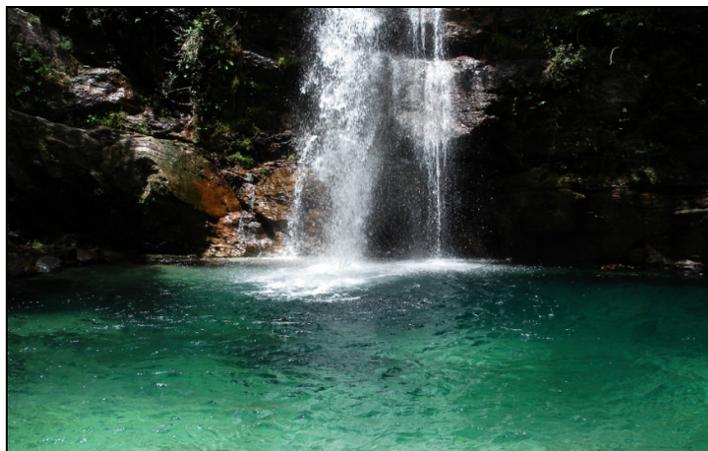


Figura 26. Cachoeira Santa Bárbara no Engenho II em Cavalcante Goiás. Foto: Suçuarana Expedições. In SEBRAE, 2011.

Em decorrência, essa atividade econômica foi impulsionada com a elaboração do Plano Estadual de Turismo em 2008, que tinha como estratégia a inclusão de novos roteiros turísticos que contemplasse belezas naturais e localização estratégica para entrar no *trade* turístico (SEBRAE, 2011). Os principais atrativos vislumbrados para atrair a visibilidade dos investidores foram: as serras, os *cânions*, as formações rochosas, a flora, a fauna e as cachoeiras Capivara e Santa Bárbara - ambas localizadas no Engenho II. Todos esses atrativos naturais estão “dentro” do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

As cachoeiras e trilhas não foram os únicos recursos utilizados pelo *marketing* turístico, para atrair a visibilidade dos visitantes para a comunidade Kalunga. Uma imagem bastante utilizada foram os “mitos” construídos sobre os quilombolas. As informações sobre esses agrupamentos estavam ligadas ao isolamento, à fuga do escravismo, a falta de acesso aos centros urbanos *etc* (ALMEIDA, 2003a). A mesma autora argumenta que “essas atrações influenciam o imaginário e determinam a escolha das destinações pelos turistas” (ALMEIDA, 2007, p. 108).

Conforme estudos realizados por Paula (2003), Marinho (2009) e Almeida (2010), esse grupo social não viveu isolado entre as serras e morros da Chapada dos Veadeiros. De acordo com as pesquisadoras, os quilombolas Kalunga se articulavam com outros grupos sociais, já que desenvolviam práticas econômicas, vendiam o excedente da produção agrícola em povoados, compravam tecidos e outros produtos que faltavam nas comunidades.

Reis e Gomes (1996) relatam que os quilombolas do século XIX, tinham relações sociais com outros grupos. Para os autores, atualmente existe certa

romantização sobre a ideia de quilombos, ao conceber um lugar sem influência étnica e cultural do mundo externo. Em suas palavras

as trocas culturais e as alianças sociais [...] entre os próprios africanos, oriundos de diversas regiões da África, além, é claro, daquelas nascidas das relações que desenvolveram com os habitantes locais, negros e mestiços aqui nascidos, brancos e índios (1996, p. 10).

Todavia, as representações, que privilegiam a fuga e o isolamento dos quilombolas, ainda são comuns. Um grupo de quatro turistas, em julho de 2011 no Engenho II, afirmaram que estavam ansiosos para conhecer a comunidade, esperando encontrar um grupo com os mesmos hábitos, costumes e alimentos do período colonial. Um dos indivíduos do grupo conta que esperava ver algumas danças de origem “africana e manifestações do Candomblé ou Umbanda. Estou surpreso em encontrar uma comunidade rural de fé católica” (S. B. M., Advogado, morador de Brasília). Estas imagens acerca do território Kalunga ainda são reforçadas e apropriadas pelo turismo.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo compreende as atividades que “as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com a finalidade de lazer, negócios ou outras²⁶”. No Engenho II, as estadias são curtas, tendo em vista que o meio de hospedagem mais comum é o *camping*. Na maioria dos casos, os turistas se hospedam em Cavalcante, conforme informações divulgadas pelo Secretário de Turismo do município. Ele ainda ressalta que os principais locais emissores de turistas a Cavalcante são Brasília, Goiânia e Alto Paraíso; em algumas épocas do ano (julho a setembro), há indivíduos vindos de São Paulo.

A infraestrutura turística no Engenho II não comporta um número elevado de visitantes, mas é implantada gradativamente por alguns moradores, que não eliminam as atividades agrícolas. Para Marafon e Ribeiro (2006, p. 120), as ocupações ligadas ao turismo no meio rural

[...] de forma alguma, eliminam as atividades agrícolas no espaço em questão, mas contribuem como já mencionado, para a complementação da renda familiar, ao possibilitar as famílias de agricultores sua inserção em atividades não-agrícolas.

²⁶ Esse conceito é adotado pelo Ministério do Turismo do Brasil e pela agência goiana de turismo, a Goiás Turismo.

Na comunidade do Engenho II, algumas famílias adequaram suas práticas a atividade turística alugando os quartos de suas casas, oferecendo serviço de meia pensão (diária com café da manhã e jantar) ou refeições para turistas.

Existem 70 condutores de turismo Kalunga no local e ao se adentrar na comunidade, os turistas são recepcionados por esses moradores que os acompanham em seus passeios pelas trilhas, a Serra, aos rios e as cachoeiras. A entrada de pessoas estranhas não é permitida sem a condução de um condutor cadastrado na Associação de Turismo Kalunga²⁷.

Nesses roteiros os guias locais apresentam a área quilombola e contam sobre o modo de vida e as lendas contadas pelos mais velhos acerca do surgimento do quilombo. Cada guia cobra R\$ 50,00 para acompanhar um grupo com até seis pessoas. Esses condutores são de ambos os sexos e variam de 18 à 35 anos de idade e que encontraram no turismo uma forma de não abandonar o Engenho II em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades.

A organização do trabalho dos Kalunga na atividade turística é incipiente, portanto, há aqueles moradores que aprovam, enquanto outros acreditam que o turismo não é capaz de melhorar a qualidade de vida da população local. Muitos quilombolas não podem investir nesse mercado. Além disso, existem aqueles que ficam intimidados pela presença do visitante ou sentem-se desconfortáveis com a rotina imposta na comunidade, em virtude de sons emitidos por carros, vozes e o uso intenso dos atrativos.

Além do desinteresse e desconfiança de algumas famílias nessa atividade econômica, há a degradação ambiental e o impacto cultural nessas populações. Em dias de festas, por exemplo, há um aumento considerável de lixo (latas de cerveja, plástico, papel e garrafas de vidro) em toda a área do Engenho II. Como não há coleta desse material, o mesmo é queimado por iniciativa dos próprios encarregados das festas. Essas atitudes não acontecem apenas em dias de festas. Alguns condutores de turismo locais informaram que muitos turistas deixam plásticos e latas de bebidas no entorno das cachoeiras e das trilhas. Os moradores não conseguem controlar o que os turistas descartam próximos aos atrativos.

²⁷ O líder dessa associação é também o Presidente da Associação do Sítio Nacional do Patrimônio Kalunga e líder comunitário do Engenho II. Tal fato configura-se em uma centralização do poder e das decisões na comunidade.

O impacto do turismo nesse lugar não se dá apenas no ambiente, nos recursos naturais que se deterioram ou se reduzem. Almeida (2007, p. 103) afirma que “os espaços naturais de “rara beleza cênica” transformam-se em ambiente social” (2007, p. 112). As relações sociais e culturais se intensificam nesses ambientes, na medida em que a comunidade local se encontra com o novo agente inserido no lugar Kalunga: o turista. Esse encontro com o estranho, o diferente, não tem história, nem afinidades ou proximidades. Para Baumann, “o encontro entre estranhos é um evento sem passado, e com frequência, um acontecimento sem futuro [...] uma história que não vai continuar, é uma oportunidade íca, que deve ser plenamente consumada” (2002, p. 103). Todavia, é um encontro que promove conflitos e marca profundamente as paisagens do lugar.

Almeida (2003), explica que para os “de fora” a prática do turismo é efêmera, pois a experiência se encerra com o retorno para o lugar de origem. Mas aqueles que acolhem esses visitantes, a experiência cultural é constante, eles se confrontam diariamente com novas culturas e podem ter influências diretas ou indiretas das mesmas. A autora salienta que a proteção da cultural local é um dos dilemas a serem enfrentados por essas comunidades.

O intercâmbio cultural nos lugares turísticos não é uma realidade vivenciada, os turistas estão em busca das representações, da imagem mentalizada. No anseio para aproveitar todos os atrativos, o turista “age sem ter em conta o modo de ser e estar no mundo, a cultura local” (ALMEIDA, 2003, p. 18). A autenticidade do lugar turístico não interessa para a experiência cultural dos visitantes. Existe o encontro entre estranhos, mas não o reconhecimento no outro, a troca de experiências, conhecimentos e visões de mundo.

O lugar turístico deveria ser o espaço da alteridade, posto que é nele em que visitantes e visitados se encontram. Turista e receptor não fazem parte de uma mesma dimensão, são estranhos, possuem valores culturais e sociais diferentes, mas são relacionais (PÉREZ, 2009). Para o autor, “o turismo, enquanto forma de contato intercultural, relaciona duas categorias sociais identitárias: o turista e o hospedeiro. Elas não são totalidades separadas, antes pelo contrário são relacionais” (2009, p. 36). Consideramos o encontro do morador com o visitante, uma relação que pode ocasionar trocas de experiências, uma oportunidade para se reconhecer no outro a própria diferença por meio da alteridade.

De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, a palavra alteridade “significa caráter ou qualidade do que é outro, diferente” (2001, p. 34). A psicologia se

apropriou do termo para explicar o sentido de afetar e ser afetado por outrem. A alteridade é um produto de duplo processo de construção. Segundo Zanella (2005, p. 103) o “encontro permanente e incessante com um outro que possibilita reconhecer a pluralidade do que se é e do que se pode vir a ser”. O encontro com o outro demonstra personalidades, culturas, comportamentos ou atitudes diferentes. É no outro que nos encontramos, que nos percebemos e nos compreendemos enquanto um ser diferente, dotado de características únicas.

A Antropologia Psicológica, ao pesquisar os processos do psiquismo humano, entende a alteridade como a descoberta ou encontro com o outro, daquele que é estranho a nossa cultura, e que precisa ser conhecido e explicado. Para Berger (2007) o homem precisa de classificações que deem sentido às suas experiências e percepções.

O emprego desse termo se assemelha com o apresentado pela Filosofia. Na concepção filosófica, para construir nossa personalidade é necessário o contato com o outro. Manzano (2010, p. 21) explica que alteridade é se reconhecer no outro como “parte essencial para a própria percepção de si, já que o ‘eu’ só existe no contato com o outro, em um processo em que cada um se torna interdependente”.

As colocações postas por Berger e Manzano remetem à relação Eu-Tu, a realidade vivida da perspectiva fenomenológica. A experiência entre o eu e o outro é subjetiva, mas essencial para a descoberta do próprio eu ou do próprio reconhecimento. Nas palavras de Bartholo,

a relação Eu-Tu pressupõe a confrontação imediata, face a face, com um ente exterior que é radicalmente um outro, e em tanto que tal percebido na relação. Esse reconhecimento e acolhida da alteridade numa relação vinculante deve ser diferenciado da simples ideia de alteridade. Ter uma ideia de algo, mesmo que esse algo seja o outro pertence ao âmbito da relação Eu-Isso (2009, p. 48).

Além de se encontrar no outro, no fenômeno do turismo, tanto visitante como visitado está em contato constante com o mundo. No Engenho II existem atrativos turísticos que são essencialmente culturais, como as práticas cotidianas no meio rural, as manifestações festivas e religiosas e a forma de lidar com o campo.

Esses atrativos não são buscados pelos visitantes. O olhar dos de “fora” diante desses aspectos é indiferente, devido ao desejo em tudo aproveitar e conhecer, sobre as representações colocadas pelo *marketing* turístico. As visitas estão pautadas apenas nas relações fugazes de diversão e entretenimento. Em alguns casos, os turistas observam as festas, folias e rezas dos moradores do Engenho II. Todavia, essa presença se dá em

virtude da curiosidade sobre a cultura local, mas a vivência estabelecida no diálogo não existe.

As práticas simbólicas e do cotidiano Kalunga não são vivenciadas pelos visitantes. Em julho de 2011, encontramos duas turistas que almoçavam em um dos restaurantes do Engenho II. Elas conversavam entre si e sentaram-se em uma mesa distante do condutor que as acompanhavam. Ao serem questionadas se passearam pelo Engenho II, elas mencionaram a falta de tempo para fazê-lo. “Talvez em outra ocasião, mas dessa vez viemos com pouco tempo e fomos apenas à Cachoeira Santa Bárbara” (A. Estudante, Brasília, 22 anos). As turistas aproveitavam as férias do mês de julho para conhecerem a Chapada dos Veadeiros, motivadas ao assistirem o programa Domingo Espetacular²⁸, em um quadro sobre as belezas cênicas do Brasil, imagens das cachoeiras do norte de Goiás.

As turistas voltaram para o seu local de origem sem que as experiências do local ou as relações sociais ali estabelecidas as afetassem, pois foram relações fugazes e efêmeras. Em contraposição, os moradores assimilam parte dos costumes urbanos advindos com a presença do turista, como o uso de aparelhos eletrônicos, formas de conversar e de se posicionar frente às questões do mundo. Algumas moradoras, ainda adolescentes, do Engenho II, influenciados pelas conversas dos turistas, nos confidenciaram que cidades como Brasília e Goiânia possuem melhores possibilidades para lazer e divertimento como festas, boates. Além disso, acreditam que apenas uma renda superior a cinco salários mínimos é capaz de proporcionar uma boa vida na cidade grande. São representações apropriadas a partir da percepção que o outro lhes fornece sobre a realidade. Sejam turistas, ou em alguns casos os próprios Kalunga que se mudam para as metrópoles, transmitem essa visão de como se “viver o urbano”.

O antropólogo Pérez (2009), considera esse tipo de contato intercultural, uma forma de “aculturação”. A aculturação é um mecanismo de mudança que consiste no contato entre duas ou mais culturas. Segundo o autor, este tipo de contato pode provocar três efeitos sobre a comunidade local: 1) Assimilação da cultura do outro; 2) Integração ou combinação de culturas; 3) Coexistência de culturas dominantes com dominadas com possível resistência à dominação.

²⁸ Programa de Noticiários da Rede Record de Televisão transmitidos aos domingos a partir das 19:00. O quadro sobre as belezas cênicas brasileiras foi transmitido em fevereiro de 2011 e contemplaram, além de lindas praias do nordeste brasileiro e o Pantanal Sul Mato Grossense, as Serras e Cachoeiras do norte de Goiás. Disponível em: <http://rederecord.r7.com/> Acesso em 26 de Dez. de 2012.

Nesse processo, a comunidade local está mais propícia a realizar mudanças culturais, pois o turista volta a sua rotina do lugar de origem, enquanto os visitados, em contatos sucessivos com turistas, tentam modificar ou adequar seus hábitos e costumes para melhor atender o outro, caracterizando uma integração da cultura local e a cultura do visitante. No Engenho II, os visitantes intervêm nas visões de mundo, nos estilos de vida e nos padrões culturais dos anfitriões. Os receptores integram novos padrões culturais como linguagem, roupas, comida e outros bens de consumo com o recebimento de turistas. Essas novas práticas mudam o sistema de valores da comunidade. A interação entre sujeitos diferentes, que possuem construções simbólicas e culturais diferentes, contribui para a existência de conflitos dentro da local visitado, a partir da integração ou combinação de culturas.

Almeida (2003, p. 14) argumenta que para os “de fora” o lugar turístico deve corresponder “às imagens, ao imaginário, ao olhar extasiado do Outro, do forasteiro, admirando novos objetos, paisagens, que atribui um valor, mormente parte de seu próprio conjunto de valores”.

Outro exemplo que ilustra a turistificação das tradições e dos saberes do lugar Kalunga é a presença de um casal de turistas que presenciou a Folia de Reis. Segundo eles, participaram de todo o “giro” com os foliões, e ficaram impressionados com “a seriedade dos foliões ao cumprir os rituais da folia. A festa faz parte da tradição desse povo que passa os ensinamentos de geração a geração, [...] eles dão mais importância as Foliagens que ao Natal e ao Ano Novo” (A. 29 anos, Turista). Nesse período, as paisagens culturais dessa comunidade são evidenciadas pelas danças, pelos rituais religiosos e pela cooperação entre os moradores. O espaço simbólico está dotado de diferentes valores e significados atribuídos pelos “de dentro” e pelos “de fora”.

As paisagens culturais e festivas dos Kalunga abrigam forasteiros que estão em busca apenas das relações fugazes com o ambiente visitado. É comum, turistas que estão hospedados em Cavalcante irem ao Engenho II com a intenção de participar somente da Festa de Encerramento da Folia – Entrega da Bandeira. Uma condutora de turismo, Kalunga e moradora do Engenho II, explica que as festas são atrativos turísticos, pois constituem a tradição dos quilombolas. No entanto, as festas não são apreciadas e vivenciadas pelos turistas como um elemento importante para a construção da identidade do lugar Kalunga. A relação com o momento festivo é efêmera e pautada apenas no prazer e na diversão.

A prática do turismo no espaço dos quilombolas pode ser visto como “um ritual que marca o tempo, separando o tempo de trabalho do tempo de lazer, [...]” (PÉREZ, 2009, p. 12). Mas, não delimita a experiência e nem a mudança daqueles que não vivenciam o lugar. O universo simbólico atrai o olhar do turismo que se interessa pelas expressões culturais que caracterizam o lugar. Entretanto, esse interesse parte do campo do imaginário. Ao comprovar sua existência, o turista retorna ao seu lugar de origem ciente de ter experimentado uma nova cultura. Mas, o encontro com os “de dentro” não permite uma imagem fiel de suas visões de mundo, sua cultura e suas atitudes.

CAPÍTULO III

FÉ E TRADIÇÃO NO LUGAR DA FESTA

O território Kalunga possui, durante todo ano, um extenso e significativo calendário de festas. De dezembro e janeiro festeja-se Santos Reis, de junho a julho celebra-se São João e Santo Antônio e de agosto a novembro comemora-se Nossa Senhora D'Abadia, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Neves. No Engenho II, as festas que contam maior relevância são aquelas, dedicadas ao Santos Reis, ao Santo Antônio e à Nossa Senhora das Neves. Essas festas advêm de promessas e são antecedidas pela folia que percorrerem a comunidade, ou outras comunidades caso haja pedidos para tal, caminhando ou a cavalo levando a bandeira do santo devotado, cantando, rezando e pedindo graças.

O espaço da festa no Engenho II é marcada por fé, religiosidade e devoção, mas também é representada por muita alegria, descontração, solidariedade e por vezes, alguns conflitos marcam esse espaço. Esses conflitos emergem de interesses econômicos, políticos e sociais e que reflete o convívio e organização social da comunidade. Em certos casos, os foliões discordam de algum comportamento ou atitude no interior do grupo, ou de devotos desinformados acerca da estrutura devocional e ritualística da festa. Em outros casos, moradores ou Kalunga de outras regiões agem sob a perspectiva de se projetarem politicamente demonstrados por vias econômicas seu maior poder no espaço festivo.

Apesar de tais conflitos, a festa é organizada, dando uma nova característica à paisagem do lugar, graças à motivação de muitos moradores com a ajuda de amigos e de parentes. O espaço festivo oportuniza as relações de sociabilidade e solidariedade. A festa no Engenho caracteriza-se por ser um lugar de trajetórias específicas e experiências significativas representadas pelo valor e relevância desse momento/fenômeno para as pessoas que dela participam. A festa é um lugar, pois implica inter-relações sociais e práticas ritualísticas específicas, tais práticas demonstram significados, ou seja, visões de mundo de determinado grupo (LÔBO, 2011).

O presente capítulo objetiva apresentar o tempo festivo no Engenho II, que instaura uma ruptura com o cotidiano do trabalho na roça e que restabelecem os laços rompidos em virtude de conflitos sociais e econômicos. Para contemplar todos os temas e interesses que a festa no Engenho II aguça, dividimos o capítulo em três seções.

Na primeira delas *Viver a Festa no Espaço de Existência e Experiência* iniciamos com a discussão dos conceitos sobre festas e esclarecemos aquele o qual nos apoiaremos para prosseguir com as reflexões sobre o lugar Kalunga. Partindo do conceito adotado, “invadiremos” as festas do Engenho II para compreender suas nuances, trajetórias e significados para aqueles que vivem o tempo festivo. Cada festa ganha um leitura própria e única que pretende compreendê-la ao resgatá-la na escrita.

Na segunda seção *Engenho II: lugares de fé*, apresentaremos os lugares dentro do lugar Kalunga que emergem a devoção e religiosidade. A fé não motiva apenas festejos, mas também o trabalho, o convívio social, as lutas e a justificativa de projeção social e política. A igreja, o barracão, os caminhos (estradas) e a casa são lugares sempre mencionados por foliões e devotos como os lugares próprios para a devoção aos santos católicos.

Na terceira seção *O Outro na festa*, serão algumas reflexões tecidas no desejo de compreender como os “de fora” veem a festa, como se sentem e o que buscam. As afinidades e o desejo por prazer e diversão motivam o estar na festa. O lugar e as paisagens tomam novas formas com a presença dos “de fora” que buscam apenas viver a festa. Ademais, o sentido de festa para os curiosos, parentes e/ou amigos distantes deve ser observado, com intuito de refletir sobre diferenças ou semelhanças no modo de viver e/ou experienciar a festa Kalunga.

3.1 Viver a Festa no Espaço de Existência e Experiência

As festas na comunidade do Engenho II marcam uma nova temporalidade e se caracterizam pelas espacialidades específicas, oportunizando o aparecimento de novas paisagens marcadas pelos cheiros, sons, cores e texturas diferentes daquelas do cotidiano. Novos elementos são agregados a esse lugar. Os alimentos exalam um cheiro que atinge áreas distantes de onde são fabricados, os moradores transitam com intensidade apresentando dúvidas e ansiedade acerca da organização e estrutura da festa. A emissão de sons é intensa. As mulheres apresentam-se preocupadas com a alimentação e limpeza do lugar da festa, a decoração deve ser minuciosa. A chegada dos foliões é aguardada com respeito e devoção, a cachaça, o café e biscoitos são colocados a mesa, pois qualquer som ou movimento indica a chegada daqueles tão esperados mensageiros/mediadores dos santos.

Os cuidados com as crianças são dobrados, já que o excesso de brincadeiras, choros e gritos podem perturbar os efeitos ritualísticos da folia e da festa. Além do mais,

um estrago na decoração e alimentação pode gerar trabalhos excessivos e onerosos para a estrutura do lugar da festa. Esse lugar é formado por trajetórias e indivíduos, sejam moradores do Engenho ou de outras comunidades Kalunga, turistas, amigos e parentes que concebem a festa. Não obstante, esse lugar é marcado por conflitos e ações que ali se realizam. Tudo desemboca para uma ruptura e/ou transgressões do trabalho rotineiro que é árduo. Mas, e o trabalho na festa que exige concentração e esforço físico -, como a fabricação de alimentos, ornamentação, limpeza, vendas, comércio - não seria de todo laborioso? Nas palavras de Brandão (2009, p. 52), o trabalho durante a festa é

dar (bens, trabalho, afeto, saber, sentido), receber, retribuir. Fazer dessas alternâncias de recíprocas inter-trocas que resistem ao mundo dos negócios em nome do mundo da vida, a essência solidária da razão de ser e viver. E, mais do que essa razão, a de saber dar-se ao outro, conviver com ele uma vida que, afinal, valha a pena.

O trabalho em dia de festa também é festa. Ao cozinhar, limpar, decorar e organizar, escuta-se risos e conversas descontraídas. As brincadeiras e as cantorias já se iniciam desde o momento da organização que também está pautada na cooperação e amizade entre as famílias. Dessa forma, compreendemos que a festa no Engenho II constitui-se de três momentos, o antes, o durante e o depois. Antes de se iniciar a efervescência festiva, a festa começa com o organizar do espaço festivo e o após a explosão das emoções no festar, há o trabalho em se organizar, em se colocar tudo “como estava antes”. Essas ações são executadas com alegria, diversão, cantos e emoções.

Maia (2002) em sua tese de doutorado intitulada *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*, mostra que existem três fases no ciclo festivo, assim dividido: a primeira fase constitui-se da preparação da festa, a segunda fase contempla a realização da festa e a terceira realiza-se a desativação, ou seja, o término e organização do lugar da festa. Assim também, encontra-se dividido o ciclo festivo da comunidade Kalunga do Engenho II.

As três festas (entrega da bandeira de folias) já mencionadas possuem maior relevância nessa comunidade. Sempre ligadas a santos católicos e baseadas na religiosidade popular, essas festas são antecedidas por folias. Mariano (2009), explica que as festas vinculadas a religiosidade popular, já se realizava nas sociedades antigas, os cultos eram realizados como forma de agradecimento a natureza pela colheita, condições climáticas apropriadas para o cultivo e a atividade coletiva que era firmada nos períodos festivos. A Igreja Católica fez uma releitura dessas festas, consideradas

pagãs, passando a controlar esses ritos ao dar um sentido cristianizado, absorvido por seus dogmas. As festas populares passaram então a ser consideradas folclore e do campo do saber do povo, coexistindo com aquelas já incorporadas no calendário festivo da Igreja.

Araújo (2004) ao catalogar todos os mitos, ritos e folclore nacional, elenca as festas do ciclo natalino e do ciclo junino situados no campo da religiosidade popular e que tiveram origem ainda nas sociedades antigas. O ciclo natalino corresponde às festas do Solstício de Verão, tendo como festa principal o Natal implantado no Brasil pelos catequistas jesuítas. A encenação mais comum (em regiões de mineração e agropecuárias) nesse período é a Folia de Reis, que para Araújo trata-se de uma festa revestida de rituais de caráter religioso e devocional. Cabe aos foliões que simbolizam os Reis Magos visitarem as casas onde há presépios, os quais simbolizam o local de nascimento do Menino Jesus.

A Folia de Reis foi incorporada ao calendário festivo brasileiro pelos padres jesuítas, ainda no período colonial. Sob a forma de procissão e com o tema do ciclo natalino, a Folia de Reis é um rito religioso e uma representação da perseguição à Jesus Cristo pelos soldados de Herodes. Todavia, essa encenação ganhou nova roupagem ao longo do tempo, novas características e elementos foram incorporados a essa tradição. A festa que antes era própria do meio rural toma as ruas, o espaço urbano (PESSOA, 2007). Foi por meio dos saberes populares, que a representação da peregrinação dos Reis Magos teve continuidade, em muitos casos sem o apoio e o reconhecimento da Igreja Católica, mas com a devoção e a fé do povo.

No Engenho II, a Folia de Reis apóia-se em uma tradição baseada em promessas e devoção, abandonando o caráter da dramatização, uma vez que alguns elementos essenciais não possuem representatividade na comunidade, como o presépio e os palhaços (que simbolizam os soldados de Herodes e/ou satanás em algumas regiões do país).

Outra festa, nessa mesma comunidade, que possui características diferentes daquelas presentes na literatura - Araújo (2004) e Lagares; Almeida (2007) -, é a de Santo Antônio. Em virtude de uma promessa ao santo devotado inicia-se uma folia que se encerra com uma grande festa no dia da morte desse santo, em 13 de junho²⁹. De

²⁹ Essa festa teve sua data alterada por decisão da comunidade, uma vez que em Junho parte dos moradores estão em período escolar ou em trabalho em cidades como Cavalcante, Goiânia e Brasília. Por

acordo com Araújo (2004), a Festa de Santo Antônio corresponde às Festas de Solstício de Inverno, ou seja, ao ciclo junino. Essas festas têm origem pagã, pois nela se comemorava o período da colheita, época em que se precisava de maior contato com as forças extraterrenas. A Igreja Católica apropriou-se dessas comemorações dando a elas um caráter religioso e doutrinário ao comemorar e homenagear santos como Santo Antônio, São João e São Pedro (ARAÚJO, 2004). Ao longo do tempo, essas festas foram ressignificadas ou traduzidas conforme a cultura de cada povo.

No Engenho II, essas festas, conforme já mencionado, são antecedidas por folias composta por uma série de ritos. Essas representações de fé e devoção são festas repletas de alegria, risos, cantorias e danças. Durkheim (1996) relaciona as festas aos ritos positivos e explica que este último “não serve e não pode servir senão para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem da memória” (1989, p. 448). Para o filósofo as festas referem-se também a cerimônias ritualísticas e se caracteriza por: 1. A superação das distâncias entre os indivíduos; 2. A produção de um estado de "efervescência coletiva"; 3. A transgressão das normas coletivas.

Ainda em conformidade com Durkheim, no momento da festa o indivíduo desaparece no grupo, torna-se parte do coletivo e ali se reafirma as crenças da sociedade. São ações importantes, já que reavivam os laços sociais. Enquanto o cotidiano está ligado ao trabalho, a rotina, ao fazer, a vida séria, a festa é a ruptura com o trabalho, é a transgressão das normas sociais, é onde o indivíduo se permite ser livre. Na festa vive-se o tempo festivo marcado pela pausa no cotidiano.

Os estudos de festas, nas ciências sociais como antropologia, sociologia, história e geografia versam pela tradição durkheimiana, porém alguns estudos enveredam pela visão materialista das manifestações festivas. Nesse caso, as festas são compreendidas como produto do capitalismo e são explicadas como espetáculo para o turismo e como redes econômicas, culturais, políticas e sociais (MARIANO, 2007; MARQUES, 2011; GUARINELLO, 2001). Nessa perspectiva, as festas fazem parte do cotidiano, não se separa dele e é um tempo necessário para revelar a vida ordinária.

Guarinello (2001) afirma que os conceitos de tradição durkheimiana não são de todo incorretos, porém imperfeitos, pois analisam particularidades e/ou especificidades de algumas festas para conceituar Festa. Para se pensar em conceitos mais gerais, o autor propõe abandonar as particularidades históricas e culturais das festas, bem como

isso, segundo moradores e líder comunitário, a Folia acontece de 06 a 13 de Julho, neste último dia acontece a entrega da bandeira com um jantar comunitário e a dança do forró até o amanhecer.

ignorar os afetos, os sentimentos e as emoções de seus participantes. Assim, deve-se pensá-la como produto necessário do cotidiano, integrado a ele, por ser este “o tempo concreto da realização das relações sociais” (GUARINELO, 2001, p. 972). Mariano (2009) também comunga desse pensamento ao esclarecer que a festa

[...] a festa faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida. Ela apenas o engrandece, sendo o momento em que acontece a explosão das forças acumuladas neste cotidiano [...] (MARIANO, 2009, s/p).

Nesse contexto, as festas não se desvinculam do cotidiano, enquanto rotina, por também ser reprodução da vida. É no cotidiano em que a festa se faz necessária, pois nela se permite a construção da sociabilidade e em alguns casos, da solidariedade. Para autora, as festas que permitem as ações solidárias em um grupo específico são aquelas em que ocorrem no meio rural. Mariano (2006) considera as festas no meio rural como resíduo, ou seja, momentos de relações ainda não incorporadas pelo mercado, não espetacularizadas e que ainda se mantêm como parte de um cotidiano baseado no trabalho coletivo e na solidariedade. Esse tipo de cotidiano baseia-se nos laços simbólicos estabelecidos em pequenas comunidades agrícolas.

Para Mariano (2006) a festa permite a construção de uma sociabilidade diferente daquela estabelecida na sociedade atual, mediada pela economia e pautada cada vez mais nas relações de mercado. Essa leitura baseia-se na interpretação atribuídos por Lefebvre (1958), em que tudo que resiste ao sistema econômico capitalista são resíduos. Esse pensamento orienta-se para as transformações sociais e econômicas a partir da Revolução Industrial no século XVIII, e como essas mudanças alteram a vida da sociedade mais pautada no trabalho e no consumo, com pouco tempo para a prática do lazer.

Essas ideias são reforçadas por Santos (1998, p. 20) ao descrever as festas em Iraí de Minas. O autor defende que “essas festas [festas rurais], como eram, não existem mais. No entanto, existem redefinidas. Sua sobrevivência tem que ser entendida como esforço, como estratégia, como redefinição [...]”. Portanto, as festas rurais são também ressignificadas ao agregar elementos do meio urbano em sua organização e no momento do festar.

As festas no lugar Kalunga se caracterizam pela reunião e trabalho coletivo, seu sentido está ligado às divindades católicas definidas em procissões, peregrinações, ladainhas, novenas e rezas. Tais ritos simbólicos de adoração ao sagrado são encerrados

com grandes festas que ensejam o valor comunitário. As manifestações são explosões de comportamentos e atitudes como danças, jantares coletivos, distribuição e venda de bebidas alcoólicas, risos e conversas acaloradas. A festa rural se redefiniu e agregou novas funções e elementos urbanos como som automotivo, equipamentos de lazer (pula-pula) e barracas para comércio de bebidas. Todavia, a festa possui sentido religioso para os moradores. O grupo que dela participa, o faz por sentirem-se devotos e gratos aos santos de devoção, antes de iniciar o tempo festivo, existe o tempo de fé e compromisso religioso. D'Abadia e Almeida (2009, p. 58) argumentam que as festas religiosas

expressam a construção simbólica e cultural de determinados grupos de pessoas seguidoras da crença religiosa no interior da qual se concebe a festa. No Brasil, são consideradas como parte da herança cultural religiosa deixada pelos colonizadores portugueses e seus descendentes em diferentes momentos históricos da apropriação do território nacional.

As festas no Engenho II são marcadas pela construção simbólica em torno de figuras sagradas os quais, segundo a cultura Kalunga, são responsáveis por infinitas “bênçãos” e bondade. Essas festas seguem os ciclos junino e natalino, com exceção da Folia de Nossa Senhora das Neves, que se encontra fora dos ciclos, ocorrendo em Setembro. Segundo os moradores da comunidade, essa festa ocorre em virtude de promessas feitas a Santa, por moradoras quando alguns de seus filhos morriam ainda recém nascidos. Os festejos que marcam o encerramento das festas reafirmam os laços sociais e solidários desse grupo social. Além de representar a religiosidade e a experiência humana, por meio dessa prática cultural, a experiência festiva é uma dimensão do vivido que envolve prazer e lazer em um tempo efêmero, mas que é vivida em sua plenitude tornando a festa um lugar (LÔBO, 2011).

A folia é um ritual aos santos de devoção, constitui-se de ritos, mas também é uma festa porque ao firmar a supressão do trabalho, rompe com o cotidiano e cria inúmeros elementos simbólicos que justificam essa suspensão com a vida ordinária para o regozijo e prazer. Todas as ocupações e deveres dão lugar à celebração que desemboca em festas.

Para Durkheim (1996) religião e festas estão relacionadas. O filósofo analisa os elementos recreativos presentes na religião aproximando-a com o sentido de festa. Essa aproximação deve-se também ao estado de efervescência coletiva presentes nos rituais religiosos, transgredindo as normas impostas no cotidiano. Os rituais de devoção a divindades católicas representam uma nova temporalidade marcando o espaço com os

símbolos e gestos vinculados ao sagrado, rompendo com a vida rotineira do trabalho ou das normas e regras cotidianas.

Para Duvignaud (1983), as festas além de representar a transgressão, também constitui-se em subversão, pois não possui normas ou regras, e rompe com aquelas que existem no cotidiano. Nas palavras do autor,

quando dizemos que a festa é uma forma de ‘transgressão’ das normas estabelecidas, referimo-nos ao mecanismo que, com efeito, abala estas normas e, muitas vezes, desagrega-as [...]. A festa importa em distúrbios provindos de fora do sistema, uma descoberta de apelos atuantes sobre o homem por vias externas ao poder das instituições que o conservam dentro de um conjunto estruturado (DUVIGNAUD, 1983, p. 223).

Concordamos com o autor, sobre a transgressão de valores e de algumas normas provindas da sociedade. Porém, as festas não são de todas sem regras, cada espaço festivo possui seu sistema de normas e de condutas. “Toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, [...] que podem ser fortemente ritualizadas, ou absolutamente espontâneas e informais, como as que regem, por exemplo, os bailes *funks*” (GUARINELLO, 2001, p. 973). Festas religiosas possuem a regra do não abuso de bebidas alcoólicas e da execução de ritos que antecedem a efervescência festiva. Além disso, possuem normas de condutas como o comportamento devotado e respeitoso durante os rituais sagrados. Não obstante, outras festas incorporam fantasias para a diversão coletiva, exigem a maioria para a participação ou a subversão como mecanismos fundantes para a realização da mesma. O carnaval, por exemplo, em sua estrutura e organização possuem uma série de condutas que garantem a transgressão e subversão no lugar da festa.

Duvignaud (1983) comunga de parte dos pensamentos de Durkheim (1996), mas os contraria em alguns aspectos, como a ideia de que as festas e as cerimônias religiosas não compartilham dos mesmos fundamentos. Conforme Duvignaud (1983), as festas não devem ser comparadas ao casamento, aos rituais religiosos ou ao trabalho, pois nas primeiras acontece o frenesi coletivo, o abandono de todas as normas ao superar tudo o que é significativo e ao formular um novo sistema simbólico de valores e experiências. A festa, portanto, é também ideologia, é onde o irrealizável materializa-se. Mas, para que seja festa deve haver a participação coletiva, o indivíduo deve-se perder-se em um grupo e compartilhar dos mesmos rituais, gestos e ações (MAIA, 1999). No Quadro 02 agrupamos esses aportes teóricos conceituais, objetivando a melhor compreensão dos estudos sobre festas em suas diferentes abordagens nos estudos de festas.

CONCEPÇÕES DE FESTA							
MARIANO (2006; 2007)	GUARINELO (2001)	DURKHEIM (1996)	DUVIGNAUD (1983)	COX (1974)	LÔBO (2011)	MAIA (1999)	ALMEIDA (2011)
A festa deve ser entendida como um fator social (2007). Mariano (2006), considera a festa como resíduo, ou seja, momentos de relações ainda não incorporadas pelo mercado, e que ainda se mantém como parte de um cotidiano baseado no trabalho coletivo e na solidariedade.	Propõe abandonar as particularidades históricas e culturais das festas, bem como ignorar os afetos, os sentimentos e emoções de seus participantes. O autor defende que a festa é parte do cotidiano. A festa é “o tempo concreto da realização das relações sociais” (2001, p. 972).	A festa como transgressão dos valores, da moral e do cotidiano. “O caráter distintivo dos dias de festa, em todas as religiões conhecidas, é a paralisação do trabalho, a suspensão da vida pública e privada, na medida em que esta não tem objetivo religioso” (1996, p. 325).	A festa pode ser entendida como subversão, uma ruptura com o cotidiano, mas também é ideologia, pois revela uma intenção não materializada do irrealizável.	A festa representa convívio social. É na festa em que se abandona as atividades ordinárias, para dar lugar ao lazer. Nessa concepção compreende-se que a festa representa a ruptura com o cotidiano.	Nova abordagem para o estudo de festas na geografia ao considerar a festa enquanto um lugar marcado por experiências e trajetórias específicas.	Explica que a festa envolve uma fazer coletivo, mas que para seja festa deve haver a participação de todo o grupo. Nas festas, “nos posicionamos diante de uma coletividade em que muitos estranhos tornam-se próximos, e isto em virtude da excepcionalidade expositiva e receptiva e do aguçamento da afetividade gerados no momento festivo” (1999, p. 197).	A festa representa um espaço tempo intersticial da vida social, ou seja, a festa constitui a separação do espaço-tempo ordinário ou rotineiro.

Quadro 02. Bases teóricas conceituais sobre festas. Conceitos desenvolvidos por Mariano (2007); Guarinele (2001); Durkheim (1996); Duvignaud (1983); Cox (1974); Lôbo (2011); Maia (1999); Almeida (2011). Organização: MOREIRA, Dez. 2012.

Duvinaugd (1983) divide as festas em duas tipologias: Festas de Participação e Festas de Representação. Na primeira, enquadram-se as cerimônias públicas das quais participa toda a comunidade e a segunda trata-se dos espetáculos que envolvem atores e telespectadores. Nesse caso, cabem as festas espetacularizadas como o Maracatu, Carnaval e algumas festas de São João no nordeste do Brasil.

No Engenho II observamos três situações bastante peculiares - espetacularização, religiosidade/tradicionalismo e transgressão -, nas festas. Essas condições aparecem nas três festas observadas, as quais possuem diferentes características, mas objetivos parecidos e se enquadram nas Festas de Participação classificada por Duvignaud, haja vista que há o envolvimento e participação do público/comunidade. Essas festas objetivam a adoração aos santos de devoção, mas ao longo do tempo, o espaço festivo toma outras proporções, alegorias e interesses.

Na Folia de Santos Reis (Figura 27) e Nossa Senhora das Neves (Figura 28), a religiosidade e tradição são os dois fatores mais evidentes. Ambas, possuem um forte teor religioso e devocional acompanhada por ritos e símbolos católicos. A Folia de Santo Antônio (Figura 29) também possui traços bastante religiosos, cuja tradição são ressaltados e enfatizados pelos moradores da comunidade. Todavia, a sazonalidade da festa foi rompida, havendo retorno após quase vinte anos de inexistência, contribuindo para a (re) invenção de alguns aspectos ditos tradicionais. Além disso, alguns elementos urbanos e econômicos foram inseridos no espaço da festa. A presença do comércio e de turistas durante a Folia de Santo Antônio, em especial no dia da Entrega da Bandeira, é comum.

Um fator que evidencia a transgressão e subversão nessas festas são os casos de alcoolismo e brigas conjugais. Por motivo de ciúmes um casal brigou durante a Entrega da Bandeira de Santo Antônio em Julho de 2011. Esse evento ocasionou divergências entre organizadores, foliões e alguns devotos, pois aqueles que apóiam a modernização e o turismo na comunidade defendem a presença de visitantes (de comunidades vizinhas e de turistas) no lugar festivo. A participação de turistas, comerciantes e não convidados (moradores de comunidade e municípios vizinhos) alavanca o comércio e incentiva o turismo no local, porém enseja conflitos e rompimento dos laços de amizade e afetividade que existe no interior da comunidade.



Figura 27. Ladainha e Reza do Terço que precede a Festa de Arremate da Bandeira. Folia de Santos Reis, Engenho II. Foto: MOREIRA, Jan. 2012.



Figura 28. Devoto de Santo Antônio se ajoelha diante a bandeira do Santo. Folia de Santo Antônio, Engenho II. Foto: MOREIRA, Jul. 2011.



Figura 29. Devotos de Nossa Senhora das Neves em ritos de arremate da Bandeira. Folia de Nossa Sra. Das Neves, Engenho II. Foto: MOREIRA, Set. 2011.

Apesar de gerar conflitos em alguns momentos, as folias são lembradas pelos moradores do Engenho II como momentos festivos, de encontros, fé e devoção, e também como eventos ligados à diversão da comunidade. De acordo com o folião e morador F. (agricultor, 32 anos) as folias “faz parte da tradição dos Kalunga, é nosso divertimento porque aqui tem poucas festas, então as Falias é o momento de diversão”.

A festa possui, nessa comunidade, a “função de restabelecer a energia para a continuidade da sociedade, é um ritual cíclico de pausa no cotidiano para a vivência de outro tempo, o tempo festivo” (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 60). Em outras palavras, há uma pausa na rotina dos Kalunga durante essas manifestações, além da explosão de ritmos e atitudes festivas durante e no encerramento das Falias.

Segundo Cox (1974), a festa é “importante porque situa o trabalho em seu devido lugar. Sugere que o trabalho, de tão rendoso que seja, não representa a meta final da vida”. Festejar algo ou “festar” representa a realização humana de prazer, lazer e divertimento, nesses dias - no tempo festivo -, os grupos sociais se entregam as

transgressões e ao intenso convívio humano. Portanto, a constituição do lugar da festa revela experiências concretas de seus participantes, de interações e de relações sociais distintas (LÔBO, 2011). A festa, portanto, constitui-se em lugar para os seus envolvidos, pois envolve, entre outras coisas, as experiências e envolvimento dos moradores com a manifestação festiva estabelecendo laços com o espaço e com o Outro. Nesse lugar, manifesta-se a cultura, as visões de mundo, as diferentes perspectivas e trajetórias humanas. Além disso, as relações sociais ali estabelecidas marcam profundamente o espaço festivo, refletindo valores, hábitos e costumes do grupo. A festa identifica o lugar. Lembrando o conceito de identidade do lugar descrito por Relph (1980), nele os indivíduos projetam suas intenções e experiências ao reconhecer objetivos e valores culturais.

Além disso, as festas possuem relação com as tradições de um povo (COX, 1974). Para o autor, as festividades são vitais para a existência humana, pois possibilita que o homem se relacione com o passado. A ideia de tradição contribui para a sociabilidade do grupo, são elas que permitem que a população reafirme a sua solidariedade comunitária (CANCLINI, 1983).

Para os moradores do Engenho II, o tempo histórico é responsável por legitimar os rituais e festas como tradicionais. O *saber fazer* das folias, rezas e ladainhas são passadas de geração em geração. Da mesma forma, o tempo festivo decorre de um ato que provém das tradições da população. Portanto, tradição para esse grupo está ligada ao tempo, a história da comunidade e da família. Nas palavras de Giddens

as raízes lingüísticas da palavra ‘tradição’ são antigas. A palavra inglesa *tradition* tem origem no termo latino *tradere*, que significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. *Tradere* foi originalmente usado no contexto do direito romano, em que se referia às leis da herança. Considerava-se que uma propriedade que passava de uma geração para outra era dada em confiança – o herdeiro tinha obrigação de protegê-la e promovê-la (2005, p. 49).

Portanto, os Kalunga compreendem a repetição das festas, consideradas por eles religiosas, como tradições por serem transmitidas ao longo do tempo e por meio da oralidade. Bornheim explica que “os dicionaristas referem à relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração em geração” (1997, p. 18). Assim, o autor reafirma a compreensão de que o termo *tradição* está relacionado à história, pois utiliza-se dessa última para legitimar as ações e a coesão grupal para as práticas sociais e culturais.

A necessidade de relacionar a tradição ao tempo histórico se explica ao conceber muitos costumes recentes como tradicionais. Danças como o forró e os ornamentos industrializados, adquiridos no centro urbano, são exemplos recorrentes nas festas Kalunga. Podemos associar esse fato aos costumes da comunidade, uma vez que seus moradores inseriram novos elementos a cultura do lugar. Costume e tradição não possuem significados equivalentes, pois o primeiro está relacionado aos “comportamentos e práticas, uma maneira comum de agir no interior de um grupo social num dado momento. A tradição [...] leva mais a pensar em ideias, crenças e na sua transmissão através dos tempos” (HATZFELD, 1993, p. 43).

Todavia, alguns moradores têm se desvirtuado do sistema de ideais e crenças católicas ao eleger um novo padrão religioso para seguir. A implantação de uma igreja evangélica no lugar tem provocado discussões e conflitos aos Kalunga do Engenho II. Para alguns foliões e devotos dos santos festejados, o surgimento da nova igreja representa uma ameaça às tradições culturais e religiosas da comunidade. Conforme um vereador Kalunga e antigo morador do Engenho II

o que se vê hoje é a diminuição do número de devotos, por conta da igreja evangélica e isso coloca a tradição Kalunga em risco. As Folias de Santos Reis, Nossa Senhora das Neves e de Santo Antônio faz parte da cultura Kalunga. É um atrativo turístico para a comunidade e a presença de evangélicos pode acabar com uma cultura que tem anos de existência. A religião evangélica não é errada, mas também não é certa no contexto da nossa comunidade, porque não faz parte da nossa tradição. A comunidade sempre foi católica e teve sua fé e devoção representada pelas folias e ladainhas. Quando se convertem, os Kalunga estão negando sua cultura e suas tradições. A união e a amizade na comunidade estão se enfraquecendo por causa da nova igreja (L., Funcionário Público eleito a Vereador, 39 anos).

Esse antigo morador Kalunga e atual vereador que representa a comunidade na câmara e na prefeitura de Cavalcante, esclarece a importância das tradições festivas para a cultura e sociabilidade do grupo, mas enfatiza a necessidade de se manter essas raízes culturais do grupo em virtude do turismo. O turismo aparece, nas palavras do vereador, como motivador para a resistência cultural desse grupo social. Conforme já anunciado na seção 2.4 do segundo capítulo, o lugar Kalunga tem-se tornado um lugar turístico e com amplo foco nessa atividade econômica. Todavia, há grupos contrários ao desenvolvimento desse mercado e mantêm-se ligados as festividades por fé, devoção e pelos laços de parentesco e amizade.

A tradição, portanto, representa um dos conteúdos essenciais para a permanência das festividades Kalunga, e permanece ao longo dos anos mostrando resistência às novas práticas econômicas e sociais na comunidade. Na época das festas de folia, antigos moradores e jovens que vivem na cidade em virtude de trabalho e estudos, voltam para participar dos festejos do lugar Kalunga. O ritual consegue agregar um grande grupo de devotos e participantes que assistem todas as etapas: a saída, o giro e a entrega.

Os giros são rituais, mas também são festas, pois agregam pessoas devotas de um mesmo santo para comemorar em coletividade a existência sobrenatural, que no imaginário do grupo é responsável por chuva, colheita, emprego, alimento, vida e amizade. Durante o “giro” há o uso de bebida alcoólica, música sertaneja e dança – a curraleira e em alguns casos o forró. A folia pode, portanto, ser considerada uma festa que antecede outra festa, que seria o ápice da manifestação religiosa.

Conforme já mencionado, há três folias no Engenho II, elas surgiram em nome de uma promessa a santos católicos, tais votos foram atendidos e como retribuição a bandeira com a imagem desses santos foram fabricadas e deu-se início a uma tradição. As festas em homenagem ao sagrado mobilizam moradores de todo o território Kalunga em nome da fé e devoção, mas também pela festa, amizade e diversão, marcando profundamente o lugar e suas paisagens. A figura 30 mostra a linha do tempo dessas folias, com exceção da Folia de Santos Reis - a qual os foliões e devotos não sabem precisar o ano de seu surgimento -, elas são agrupadas no ano em que deram a tradição ritualística aos santos católicos. A partir dessa classificação temporal, iniciamos a descrição espacial das festas do Lugar Kalunga do Engenho II.

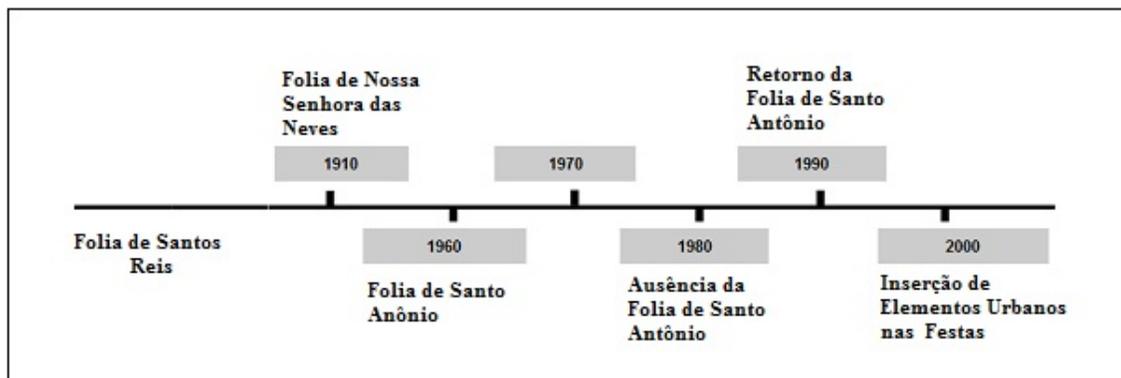


Figura 30. Linha do Tempo das Falias realizadas no Engenho II, Cavalcante, Goiás. Organização: MOREIRA, Jorgeanny. F. R. Dez. 2012.

3.1.1. Folia de Santos Reis

A historicidade sobre a origem das festas e promessas realizadas à Santos Reis, no Brasil, foi preliminarmente revisitada. A pesquisa de campo teve papel fundamental para confrontarmos algumas proposições teóricas conceituais com os dados obtidos mediante a observação participante, as conversas informais e as entrevistas semi-estruturadas com os festeiros, moradores e devotos no Engenho II. A visita durante esse evento aconteceu entre os dias 01 e 06 de janeiro dos anos de 2012 e 2013, e as informações coletadas com o auxílio das metodologias foram registradas em diário de campo.

No estado de Goiás, o mês de janeiro marca o período chuvoso, e o acesso às regiões de chapada - em que as estradas não contam com pavimentação asfáltica - é uma tarefa árdua. Em virtude da dificuldade em encontrar motoristas particulares ou moradores do Engenho II que estivessem realizando o trajeto entre Cavalcante e Engenho II nos dias chuvosos, nos hospedamos em um hotel na cidade, ao contrário das outras duas festas as quais acompanhamos, em que fomos recepcionadas em casas Kalunga.

Com o cessar da chuva, seguíamos de carona ao Engenho II para acompanhar os preparativos da Folia e o arremate da bandeira. As conversas eram na maioria das vezes com os devotos e os foliões de Santos Reis. Esses informantes não sabem precisar a data do início da folia na comunidade, porém reconhecem que a promessa que lhe ensejou refere-se às chuvas que estavam escassas, dificultando o processo de plantio e colheita da terra. O objetivo final desse voto era de aumentar a fertilidade das terras, e essa informação foi transmitida de geração em geração. No domínio do cerrado, a característica climática é a tropical sub-úmido com duas estações bem definidas, a seca e a chuvosa, sendo que o período chuvoso compreende os meses de outubro a março (LOPES ET. AL., 2012). De dezembro a fevereiro as chuvas são menos intermitentes. Todavia, há casos de ocorrências de menor índice pluviométrico em algumas regiões do Estado de Goiás nesse mesmo período.

Essa folia inicia-se todos os anos no dia 01 de janeiro e termina no dia 06 do mesmo mês. Conforme já mencionado em outra oportunidade, o encarregado é sempre o mesmo há aproximadamente trinta anos, pois ele fez a promessa de não deixar que essa tradição desapareça. Além disso, sua devoção aos Santos Reis transcende a promessa de prosperidade de suas terras. Para ele e para os foliões, a peregrinação da Folia de Reis

não está apenas no campo da representação, mas significa a verdadeira devoção, estando desprovida de atos profanos, contendo apenas a religiosidade.

O “giro” acontece no período noturno, começando por volta das 18:00 horas e termina no outro dia às 6:00 horas. Segundo os foliões isso se deve ao fato de que os reis magos viajaram a noite seguindo a Estrela do Oriente (Estrela Guia) e encontraram o menino na manjedoura pela manhã. Os Kalunga explicam que esses ensinamentos lhes foram transmitidos pelos mais velhos e são seguidos conforme foram orientados ao longo dos anos. Caso realizem esse ritual de outra forma, irão romper com a tradição.

São sete foliões, além do encarregado, na ordem que segue: Encarregado, Alfer, Guia e Contra Guia (Violas Caipiras), Caixeiro e outros três foliões (*bruaca*³⁰ e dois pandeiros) (Figura 31). O Guia canta, o Contra Guia responde, o Caixeiro toca a Caixa, um toca a bruaca e os outros dois tocam pandeiro. O folião mais idoso ou o encarregado é quem escolhe quem será o Alferes³¹. No ano de 2012 foi diferente, o folião mais velho pediu para desenvolver essa função, em virtude de uma promessa feita a Santos Reis. O encarregado nem sempre é o festeiro, que pode ser qualquer morador da comunidade que ofereça tal função em nome da devoção.

No dia 01 de Janeiro, os foliões reúnem-se na casa do encarregado onde recolhem a bandeira e “giram” em todas as casas do Engenho II, começando e terminando sempre ao lado direito da estrada. Apenas na Folia de Reis, a saída é da casa do encarregado, as outras duas saem da Igreja. Nessa etapa da Folia, o grupo de foliões e devotos rezam o terço como rito para “abençoar” a bandeira.

³⁰ Bruaca é um instrumento musical construído pelos próprios Kalunga. O material para sua fabricação é o couro de animais. Em forma de caixa ou sacola, era utilizada no meio rural como recipiente para o transporte de alimentos e instrumento de trabalho. A bruaca é tocada em movimentos que se assemelham aos tocados na caixa e nos pandeiros.

³¹ Os foliões, devotos e demais Kalunga do Engenho II pronunciam a palavra Alferes como Alfer. De acordo com o Priberam – Dicionário da Língua Portuguesa, Alferes significa oficial menos graduado, subalterno. Pêsoa (2007) utiliza a palavra alferes para designar o Folião responsável pela Bandeira.

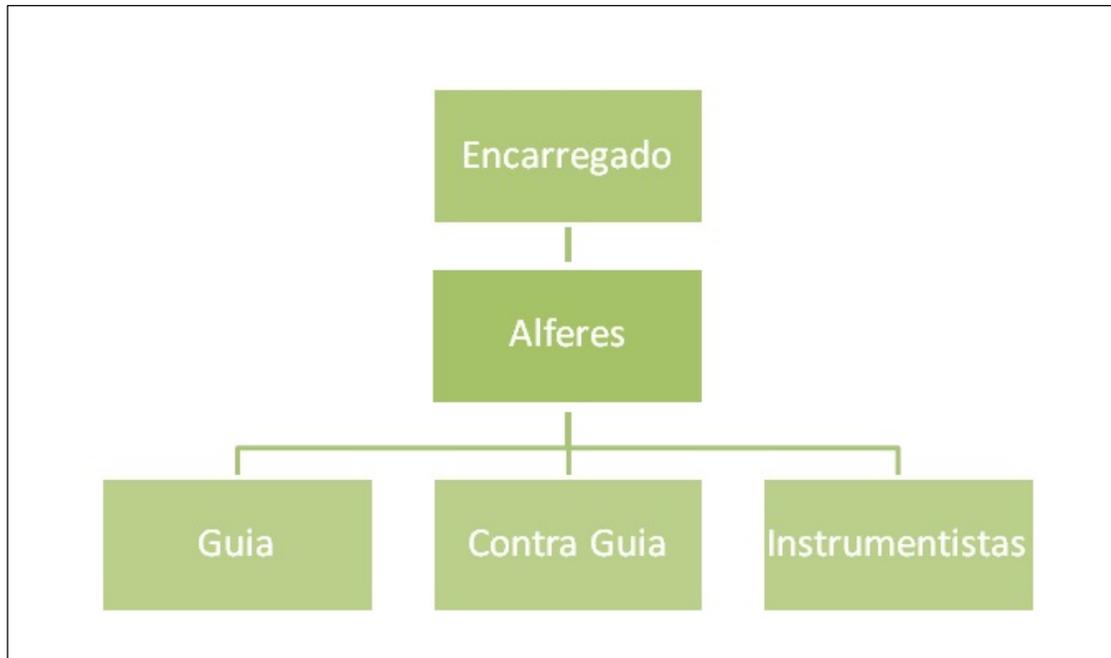


Figura 31. Representação da hierarquia na Folia de Reis no Engenho II, Cavalcante, Goiás. Fonte: Jorgeanny F. R. Moreira. Diário de Campo, 2011.

Um dos fatos que conferem semelhança em todas as folias do Engenho II é que as casas e a ordem de visitação é a mesma nessas três manifestações. O círculo só é rompido quando se chega a uma casa de moradores evangélicos, que não recebem a Bandeira. O Alferes da Bandeira que observa da casa de onde sai, todo o lugar que será realizado o “giro” até o seu retorno para o arremate. Por meio de um exercício geográfico, ele se orienta pela circunferência entre saída e chegada, de forma que os foliões percorram sempre o lado direito do trajeto (Figura 32). Os foliões executam a peregrinação pelo lugar, sem realmente saber explicar a tradição de seguir a ordem sempre pelo lado direito, apenas a executam porque foram transmitidas pelos primeiros foliões da comunidade.

Nessa Folia não há pouso, o giro começa às 18 horas e termina às 6 horas com a alvorada. O café da manhã é servido na última casa onde param, de lá os foliões voltam para suas casas onde almoçam e descansam para começar uma nova jornada às 18 horas. Em cada casa visitada, os foliões executam os ritos como cantoria, reza do terço, curraleira.

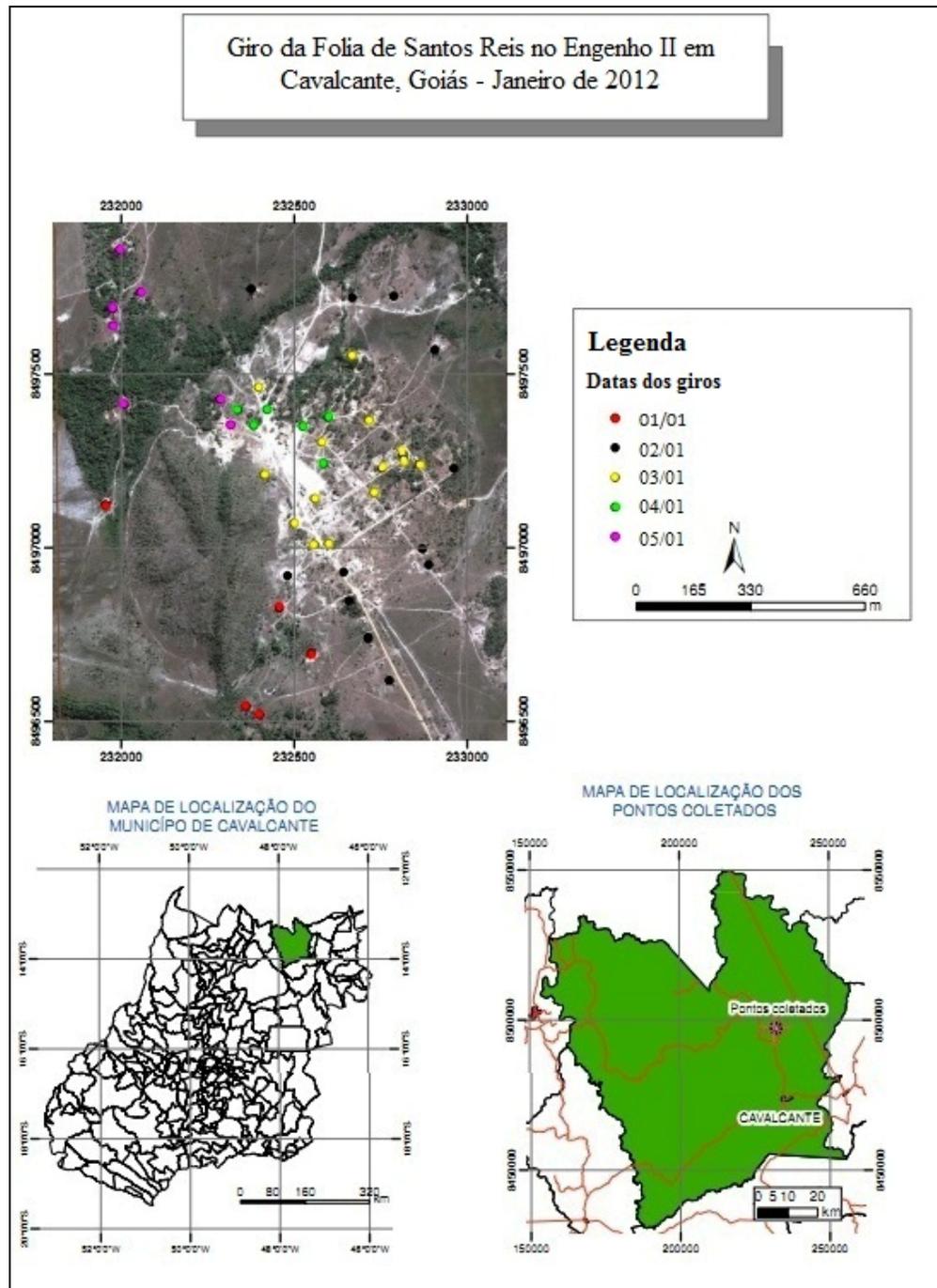


Figura 32. Giro da Folia de Santos Reis no Engenho II. Fonte: DATUM – SAD69, UTM. IBGE, 2009. Elaboração: Alexandre Henrique; Organização: Jorgeanny de Fátima R. Moreira, Jan. 2012.

O período em que se realiza a Folia de Santo Reis é de muita chuva no domínio do cerrado. No entanto, o ritual e os ritos são realizados com muito comprometimento e devoção pelos moradores do Engenho II. A chuva não atrapalha a execução do ritual, porém dificulta o acesso de moradores de Cavalcante que desejam participar dos giros e da entrega. Além disso, o fluxo turístico é menor devido à baixa temporada. O trabalho

na roça também diminui devido o período chuvoso, os esforços ficam concentrados na organização da entrega da bandeira e festa de encerramento da folia.

Novos movimentos e sons acrescentam-se à paisagem do lugar Kalunga, há uma ruptura com o cotidiano da comunidade, que tem sua economia baseada na agricultura e no turismo. Durante o dia, os foliões e devotos descansam para recomeçar os rituais à noite. O silêncio é predominante durante o dia e somente no final da tarde e início da noite se ouve sons dos foliões cantando e executando os ritos e cantorias nas casas que os recebem. Todos os moradores devotos que participam das folias se animam e ficam prontos para iniciar mais um giro.

Debaixo de chuva, protegidos apenas por capas ou guarda chovas, os foliões e participantes seguem com o giro. Ao parar nas casas são recebidos com café, cachaça e biscoito. Muitas famílias já se despertam antes da chegada do grupo e se preparam para rezarem o terço e agradecer aos foliões pelas cantorias e pela curradeira (Figura 33).



Figura 33. Devoto se despede da Bandeira de Santos Reis. Folia de Santos Reis, Engenho II. Fonte: MOREIRA, J. F. R. Jan. 2012.

Durante seis dias esse ritual deve alcançar as casas da comunidade, exceto aos dos evangélicos que não participam das Falias. Apesar de não participarem desse ritual, eles notam a diferença no lugar. Segundo um morador evangélico “a rotina muda porque eles gira a noite, e durante o dia os foliões dormem e descansam. Alguns trabalham, mas a noite segue para o giro. Então durante o dia é silencioso, sem muita confusão, mas a noite muda” (C., Comerciante e Agricultor, 58 anos).

Essa mudança é caracterizada pelos sons mais intensos no período noturno, pois os ritos são acompanhados também de divertimento. Após a reza do terço e as cantorias, há o momento reservado para a dança da curradeira, as conversas e os risos. Para

Durkheim (1996), é difícil identificar a fronteira entre os ritos religiosos e o divertimento coletivo.

A linha que separa o sagrado e o profano é ainda mais tênue durante a entrega da bandeira. Esse ritual acontece no dia 06/01 após o giro em algumas casas restantes e começa por volta das 21 horas, com a chegada dos foliões ao arco montando em frente à casa do Encarregado, que no ano de 2012 foi festeiro. Ali os foliões cantam agradecendo Santos Reis por mais uma Folia e ao festeiro pelo jantar e pela festa da entrega da bandeira. Após os ritos em frente à casa do Encarregado, os foliões são recebidos com muita alegria e com uma decoração a base de balões, velas e bandeirolas. A brincadeira se inicia com o estouro desses balões, risos e cantorias em frente ao Altar preparado pela dona da casa (Figuras 34 e 35).



Figura 34. Altar preparado para os ritos de arremate da Bandeira de Santos Reis. Folia de Santos Reis, Engenho II. Fonte: MOREIRA, Jan. 2012.



Figura 35. Ladainha e Reza do Terço. Entrega da Bandeira Folia de Reis, Engenho II. Fonte: MOREIRA, Jan, 2012.

As mulheres dançam a sussa diante do Altar, enquanto os homens tocam a caixa e a viola. Os foliões dão continuidade aos ritos cantando e dançando a curradeira. Após a sussa e a curradeira as mulheres se organizam para rezar o terço e a ladainha. Do lado de fora da casa, algumas pessoas em grupos conversam, riem e bebem cerveja, muitos comemoram a noite sem chuva responsabilizando Santos Reis pela noite estrelada. Haviam quatro turistas que estavam acampados na comunidade e que decidiram participar do jantar comunitário servido após os ritos sagrados. Segundo um turista, o que mais lhe chamou a atenção foi à festa, pois gosta “de festa rural, é mais animada e simples. E também não tem perigo como na cidade grande” (N. J., Turista, Brasília, 33 anos). Em relação à tradição e religiosidade da Folia, ele diz “achei interessante o uso de bebida alcoólica, especialmente da cachaça, pelos foliões. Todos bebem enquanto fazem o giro e não acham que isso é pecado”.

Muitos foliões e o próprio Encarregado e sua esposa fizeram uso de bebida alcoólica durante a organização do jantar para o recebimento dos convidados. Mas, durante os ritos que antecederam a festa, todos participaram com afeição e devoção. Destarte, o uso de cachaça não é mal visto pela maioria dos foliões, para eles é próprio da cultura Kalunga tomar cachaça artesanal durante as festividades da comunidade.

O jantar é servido após os ritos e do agradecimento do encarregado, que revela-se grato em especial aos foliões pela festa tão bonita, pela fé, devoção e respeito que demonstraram a Santos Reis, que há tantos anos “protege” o Engenho II. Após os agradecimentos, o encarregado convida aos foliões para se servirem acompanhados pelos convidados, devotos e participantes. O Bendito de Mesa é feito após a refeição e conta com a presença de todos os convidados.

O jantar teve um cardápio simples, porém farto e contou com a colaboração de algumas mulheres e homens da comunidade para o seu preparo. Durante a organização da festa, pessoas de ambos os sexos trabalharam muito. O encarregado e sua esposa afirmaram receber doações de moradores do Engenho II, mas como são responsáveis todos os anos pela festa assumem um compromisso de separar parte da produtividade de sua roça para Santos Reis. A esposa do encarregado explica que os alimentos para a festa são reservados com “até três anos de antecedência, porque o plantio do arroz desse ano vai ser pra pagar a promessa daqui a dois anos” (Dona E. S., Agricultora, 75 anos).

A festa é oferecida com muito prazer pelos moradores, pois representa momentos de festejar e agradecer ao santo de devoção. Além disso, o tempo festivo significa para eles a ruptura com o cotidiano de trabalho árduo nas roças, é o momento de reencontros. O lugar ganha novos movimentos, antigos moradores voltam para festejar com amigos e parentes. A paisagem da festa tem novas cores, movimentos, cheiros e sons. O som da festa rompe com as fronteiras que separam as diferenças sociais e religiosas. O cheiro do jantar comunitário chega às casas dos vizinhos, convidando-os para festejar junto com os demais moradores. Por volta da meia noite, a casa fica cheia, o forró começa e diferentes trajetórias se encontram.

Após o jantar regado a conversas e risos, recomeça o forró e os laços sociais se intensificam. A subversão na festa é marcada pelos exageros. Alguns moradores se excedem e causam discussões banais que são esquecidas no dia seguinte, todos voltam a ser amigos e comentam alegremente os resultados da festa. Os comentários referem-se às brigas, aos novos namoros, as novas amizades e o reencontro com os parentes que vivem longe. No final de cada diálogo, fazem alusão à expectativa da próxima festa.

3.1.2. Folia de Santo Antônio

A primeira festa que acompanhamos no Engenho II foi a Folia de Santo Antônio. Esse evento foi observado entre os dias 06 e 12 do mês de julho dos anos 2011 e 2012. Em ambas as visitas, nos hospedamos nas residências Kalunga onde as explicações sobre os rituais, as tradições e o preparo da festa eram constantes. Todas as nuances foram detalhadamente registradas por meio da observação participante - manuscrita em diário de campo -, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com os moradores, foliões e turistas presentes nos “giros” da folia e nas festas que ocorriam no “pouso”.

Os estudos sobre a origem dessa festa e a devoção ao Santo Antônio iniciaram antes da experiência em campo, por meio de revisão bibliográfica sobre festividades e religiosidade brasileiras. Identificamos que as festas de Santo Antônio enquadram-se no ciclo junino e está ligado ao calendário agrícola. Nas palavras de Lagares e Almeida (2007, p. 6)

São João Batista, assim como, São Pedro e Santo Antônio passam a cumprir o papel de resolucionadores dos problemas das plantações, responsabilizadores pelo sucesso das colheitas e marcadores do tempo social já que demarcam a época de diversas festas realizadas não só pelo sertanejo, mas sim por grande parte da população cristã (LAGARES; ALMEIDA, 2007, p. 6).

Ao contrário do que é explicado pelas autoras, a Folia de Santo Antônio no Engenho II não está ligado à colheita ou ao calendário agrícola, mas a uma promessa de uma moradora ainda na década de 1960. Essa devota de Santo Antônio pediu ao santo que, “em troca de ‘soltar uma folia’, pra mim [irmão da devota] voltar de Brasília, pois eu não vinha aqui já tinha muito tempo e num tinha como dar notícia naquele tempo” (G., Morador Kalunga, Aposentado, 91 anos). No mesmo ano seu irmão retornou e ela cumpriu o voto por alguns anos seguintes.

A Folia de Santo Antônio constituiu-se numa tradição na história da comunidade, todavia, em determinado momento deixou de acontecer. Na década de 1990 ela ressurgiu com novos elementos e motivo. Dessa vez, ela aparece como brincadeira de um grupo de crianças, que ao ouvir muitas histórias acerca da promessa a Santo Antônio, decide fabricar uma bandeira e simular uma folia para o santo. Os mais velhos sentiram que essa brincadeira infantil foi um sinal de que a Folia de Santo Antônio deveria continuar. A tradição foi re-inventada pela comunidade, re-inserindo símbolos, ritos e gestos na manifestação religiosa.

Hobsbawn explica que toda tradição em um dado momento é inventada, o que a legitima enquanto tradição é o tempo histórico, a repetição, a inculcação de ideias e valores. Nas palavras do autor,

por “tradição inventada”, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN, 1997, p. 9).

A Folia de Santo Antônio foi inventada em certo período histórico na comunidade e continuou como uma tradicional festa de devoção – quando volta a acontecer -, e o que a legitimou enquanto tradição foi o passado baseado em uma história de fé nesse santo. Todos os moradores e foliões, durante conversas informais, afirmaram ser a tradição o principal fio condutor para a continuidade da festa. Além disso, a cultura Kalunga é um termo recorrente entre os moradores do Engenho II quando nos referimos à suas folias.

Assim como a Folia de Santos Reis, a Folia de Santo Antônio baseia-se em “giros” pela comunidade por um grupo de foliões composto por Alferes, Guia, Contra Guia, Caixeiro e tocadores de pandeiro, além do encarregado. Conforme já mencionamos o ciclo não é quebrado, saindo do Barracão gira por toda a comunidade e termina na Igreja para o arremate. No ano de 2011, o líder da comunidade ficou como encarregado da folia, coube a ele buscar doações, organizar o espaço da festa e pedir pousos em algumas casas do Engenho II e na comunidade São Domingos distante 18 Km. Os moradores dessa comunidade pediram que os Kalunga “girassem” com a bandeira lá, pois participaram da folia de 2010 e tornaram-se devotos de Santo Antônio (Figura 36).

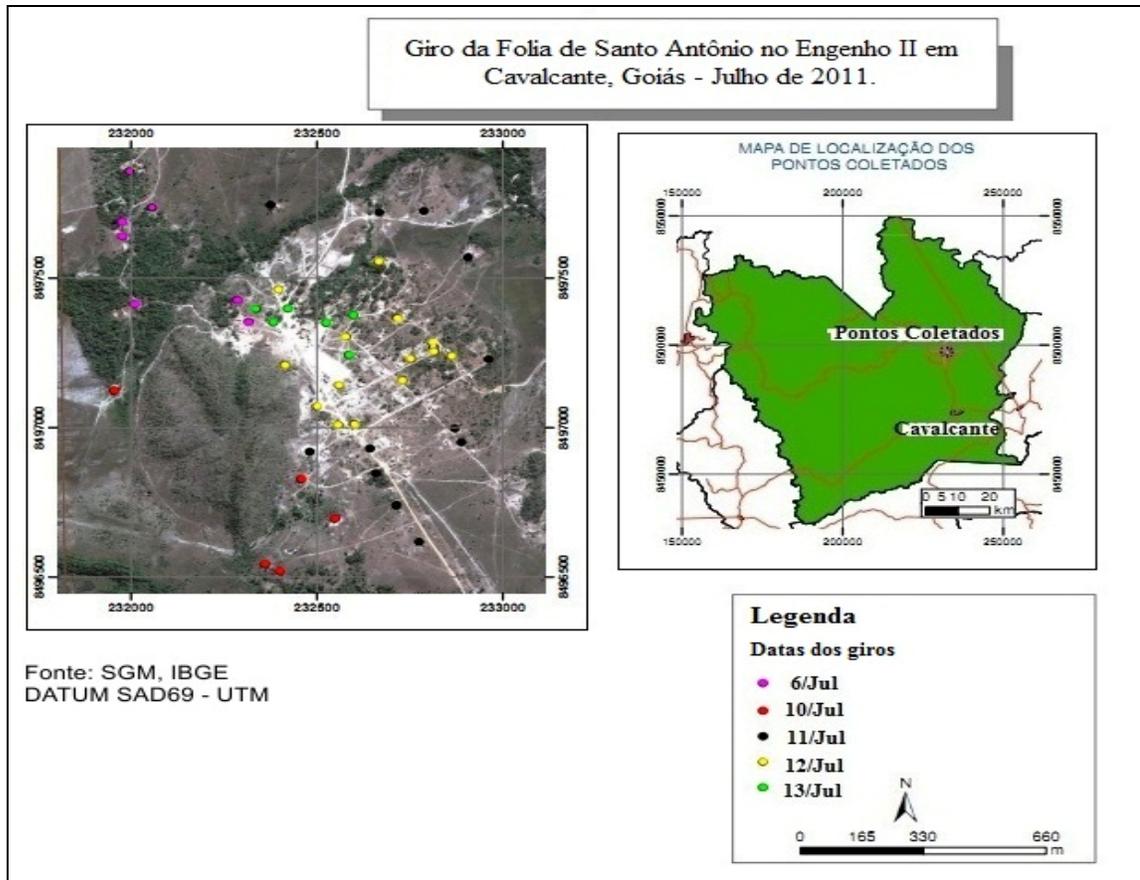


Figura 36. Representação do Giro da Folia de Santo Antônio. Fonte: IBGE, 2009. Elaboração: Alexandre Henrique; Organização: Jorgeanny de Fátima R. Moreira. Jan. 2012.

São oito dias de “giro”, sete pousos e o arremate no último dia, em 13 de julho. A Folia acontece entre os dias 06 e 13 de Julho. Do dia 06 ao dia 10 de Julho de 2011, o giro da Folia aconteceu em São Domingos, uma comunidade rural localizada a 18 Km do Engenho II, ainda no município de Cavalcante. Os moradores de São Domingos pediram para que os foliões levassem a bandeira e “girassem” a folia de Santo Antônio nessa comunidade. Os foliões fizeram esse “giro” a cavalo e retornaram após levar a bandeira nas residências de todos os devotos da comunidade visitada. No ano de 2012, os foliões não saíram do Engenho II.

Esses “giros” acontecem durante o dia e enquanto efetuam esse ritual os foliões cantam, conversam e riem. Com a chegada dos foliões no dia 10 de Julho, a rotina dos moradores do Engenho II mudou, observou-se que as mulheres iniciaram o trabalho, organizando as casas para a chegada dos foliões. Algumas faziam um bolo, preparavam um café, iam à casa das vizinhas que concederia o “pouso” para ajudar no trabalho doméstico. As crianças mostravam-se ansiosas para receber os foliões, questionavam a todo o momento: “que hora a folia vai chegar?”. Os homens providenciavam assentos,

iam chamar parentes e amigos, buscavam a cachaça e também mostravam-se ansiosos, pois questionavam as esposas se precisava que buscasse algo no comércio para oferecer aos foliões.

Os foliões se dirigiram ao Povoado de São Domingos a cavalo no dia 06 de janeiro e retornaram ao Engenho II no dia 10 do mesmo mês. À paisagem que antes estava marcada pelo cotidiano, se insere novos movimentos para compor o ambiente. Pessoas transitavam para assistir a folia, para visitar parentes ou vizinhos que receberem a bandeira ou apenas para acompanhar o pouso. Os sons e cores transformaram a rotina da comunidade. De longe ouvia-se o som da viola, da caixa e dos pandeiros. A voz grave dos foliões cantando graças e louvor a Santo Antônio avisava a comunidade que eles estavam próximos. Ao chegarem, embalaram a todos com as cantorias ao santo e ao Santíssimo Deus.

Os Kalunga que moram em cidades como Brasília, Goiânia e Cavalcante chegavam para acompanhar a folia, compondo mais ritmo e movimento a paisagem. Algumas casas estavam decoradas com o altar e na frente de algumas delas havia cadeiras e bancos para que os moradores pudessem acompanhar o giro de longe. Em alguns momentos, pessoas questionavam aos transeuntes: “a folia já chegou no pouso? Onde que a folia está agora?”

Os sons na comunidade ficaram mais intensos. A todo instante ouvia-se fogos, instrumentos e vozes dos foliões, gritos e choro de crianças, carros de moradores que iam até a cidade em busca de bebidas, caixas de som, gelo e outros objetos necessários para o pouso, e também para a organização da festa do arremate da bandeira. Surgia um novo cheiro no Engenho II: o cheiro de festa. De longe sentia-se o cheiro do café e dos biscoitos preparados nas cozinhas das mulheres Kalunga. O maior movimento, cores, cheiros e sons vinham do “barracão”, um lugar construído ao lado da Igreja para a realização das festas (Figura 37). Segundo algumas mulheres que iam a esse local, aquela “correria” não era comum na rotina da comunidade. A organização do arremate no barracão é realizada com antecedência, “porque se deixar pra última hora, não tem uma boa festa” (G. S. R., Do Lar, 58 anos). A organização da festa é feita tanto pelos homens como pelas mulheres. Os homens cortam a carne, fazem a decoração e limpam a igreja (para o arremate) e o barracão. As mulheres cozinham, lavam as panelas e pratos e preparam café e biscoitos para serem servidos durante o giro.

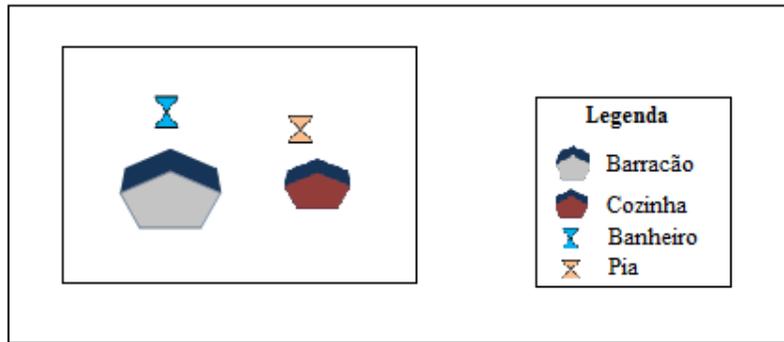


Figura 37. Croqui do espaço onde ocorrem os preparativos para a festa de arremate da Bandeira de Santo Antônio em Julho de 2011. Fonte: Diário de Campo, MOREIRA, J. F. R., Julho de 2011.

No ano de 2011 foi doado um boi para a festa de arremate da bandeira por um dos moradores da comunidade. Outro boi foi comprado com a participação de todos os moradores que receberam a bandeira e que iriam à festa. Segundo Dona G., a festa de arremate da bandeira acontece com a ajuda de todos os moradores e também dos Kalunga que moram na cidade de Cavalcante, que chegam ao Engenho II para ajudar nos trabalhos. Enquanto trabalham, os Kalunga conversam, riem, ouvem música, cantam e alguns tomam cerveja. As crianças brincam ao redor da cozinha, enquanto a comida é preparada em imensas panelas dispostas em fogões à lenha.

O preparo dos alimentos começa dois dias antes do ápice da festa que é a entrega da Bandeira na Igreja e o forró no barracão. Os moradores afirmam que a comunidade começa a pensar na alimentação que será servida na festa com um ano de antecedência. Cada família cuida do que será servido no pouso em sua casa, mas toda a comunidade trabalha junto na festa da entrega.

Enquanto essa organização acontece, chegam pessoas que moram em Cavalcante, acompanhados ou não por Kalunga, geralmente com o som do carro ligado sobrepondo o som emitido pelos organizadores da festa. Essas pessoas geralmente não ajudam com o preparo da festa, apenas observam de longe enquanto conversam e ouvem música.

Enquanto acontece o preparo da festa, os foliões seguem com o giro da folia. Ao contrário da Folia de Reis, na Folia de Santo Antônio são 12 foliões no total, dois vivem no Vão de Almas, um no Vão do Moleque e nove moram no Engenho II. Além da Bandeira, o grupo é constituído pelos seguintes instrumentos: uma caixa, uma viola, seis pandeiros que se revezam entre 9 foliões (apenas nesse instrumento há o revezamento). O Alferes é quem segura à bandeira, ao chegar ele gira a bandeira da

direita para a esquerda e entrega para o dono da casa que faz o mesmo movimento, após se curvar com sua família diante dela.

Em algumas casas, os moradores beijam a bandeira, faz o sinal da cruz (Nome do Pai, do Filho, Espírito Santo, Amém), ajoelham e fazem oração a Santo Antônio. Após esses gestos, o dono da casa gira a bandeira, a relanceia pelos cômodos da casa e a guarda, geralmente no quarto do casal por ser o cômodo “sagrado” ou mais importante do lar. Os foliões, os moradores e os demais participantes do giro continuam com os rituais na sala.

Ao terminarem as toadas que sempre fazem referência ao Santo Antonio, à Virgem Maria, ao Jesus Cristo, os moradores que acolhem a folia, começam as orações. Eles ajoelham em frente à bandeira enquanto todos oram juntos. Os foliões terminam as toadas e orações e agradecem as “esmolas” que são doações feitas pelos donos da casa, e pode ser em dinheiro, cachaça, café, bolo *etc.*

A curraleira é o ultimo rito na casa visitada e acontece se o anfitrião solicitar que ela seja dançada. Todos dançam enquanto tocam os instrumentos e cantam: “*Santo Antônio tá indo embora. Tirando esmola, eu preciso acompanhar*”. Em muitas casas não há possibilidade de dançar a curraleira, porque o espaço é pequeno. Essa dança precisa de um amplo espaço, já que nela, os dançantes tentam pisar nos pés uns dos outros. Após os ritos, o anfitrião devolve a bandeira ao Alferes, mas antes disso, gira a bandeira e o seu guardião faz o mesmo. Os familiares ajoelham sob a bandeira e a beijam.

Após percorrerem de oito a doze casas, o grupo de foliões pára para o pouso. No pouso eles jantam junto com os demais devotos e após o jantar convidam a todos para realizar o “Bendito”³² de mesa. É nesse momento, que os devotos agradecem ao Santo Antônio pelos alimentos que foram oferecidos pelos donos da casa e oram pedindo proteção, saúde e prosperidade para a família anfitriã. É um momento de muita fé e devoção, os devotos oram juntos, cantam e rezam o Pai Nosso e a Ave Maria. Após esses ritos, começa a curraleira, que anima a todos pela irreverência, música, sons dos instrumentos e brincadeiras dos foliões.

Encerrada essa etapa do pouso, o encarregado pede para que todos sigam para suas casas, pois “a festa é na entrega”. A entrega da bandeira é o rito do dia seguinte. Ele finaliza a Folia e é anunciado o próximo encarregado, tendo como encerramento

³² A Benção dada à mesa contendo os alimentos servidos nos pousos e festas é denominada pelos Kalunga como Bendito de Mesa.

uma grande festa com jantar comunitário, barraquinhas, forró, som automotivo e uma dupla sertaneja do município de Cavalcante.

Em conversa com alguns foliões, estes garantem que a festa só tem continuidade porque Santo Antônio permite e os abençoa dando uma boa colheita, emprego para todos e disposição para “adorar” a Deus e “festejar” a alegria em coletividade. A folia é festa, é estar junto, é comemorar em coletividade a presença sobrenatural dos Santos (BRANDÃO, 1985), que representam o imaginário desses moradores, mas também que inspiram festas enérgicas e sinceras. Esses momentos intensificam os laços sociais do grupo e proporcionam atos solidários garantindo a permanência da relação e convívio social.

O dia 13 de julho é o último dia de giro da folia de Santo Antônio. Os sons e cheiros se intensificam porque é o dia da grande festa. Os foliões deixam o pouso após o almoço e seguem para as casas que restam para completar o giro, nelas os envolvidos na folia demonstram-se animados e o assunto principal é a festa ao anoitecer. O movimento no barracão inicia-se logo cedo. Grupos de homens e mulheres chegam com mantimentos e utensílios domésticos e se dirigem a cozinha. Lá o preparo dos alimentos e a decoração do espaço onde acontecerá a dança e apresentação musical (com dupla sertaneja local) geram uma movimentação intensa.

Os trabalhadores cantam, conversam, riem e as crianças correm. O restaurante Kalunga localizado em frente ao barracão abre suas portas no horário de almoço, a música sertaneja embala e anima os organizadores da festa e os freqüentadores do empreendimento. Os sons e cheiros se intensificam na medida em que o momento da efervescência festiva se aproxima, alterando a paisagem do lugar. Os movimentos e cores dão nova forma ao espaço da festa (barracão), que no cotidiano abriga reuniões da comunidade (Croqui 38).

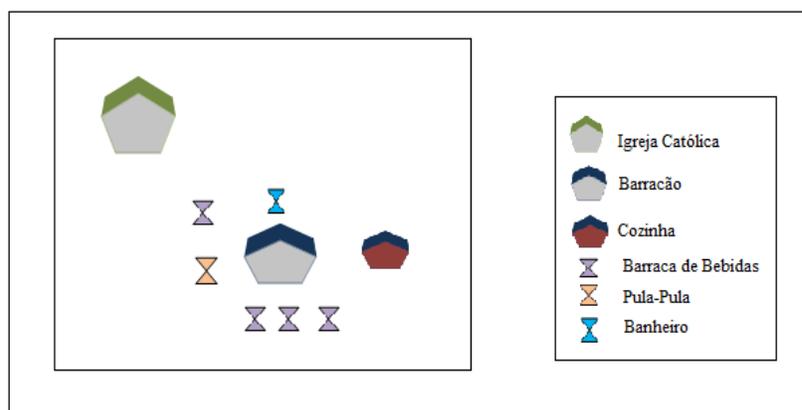


Figura 38. Croqui do Espaço da Festa no dia 13 de Julho de 2011. Entrega da Bandeira de Santo Antônio. Fonte: Diário de Campo, MOREIRA, J. F. R., 2011.

O arremate tem início às 19:00 horas com uma celebração religiosa que conta com muitos ritos. Os foliões cantam, tocam seus instrumentos e em suas canções o agradecimento a Santo Antônio e a Jesus Cristo são constantes. A decoração é feita com bandeirolas de papel crepom, o arco que fica entre a cruz e a igreja é feito de folhas de buritis e as flores, presas em barbantes que ligam o arco com o altar, são naturais. No arco há também biscoitos presos em barbantes, que os foliões recolhem e colocam em alguns pandeiros. O encarregado da festa em 2011, diz que os biscoitos são apenas representações de fartura de alimentos. Segundo ele, “esse alimento é feito de polvilho, ovo e óleo, que é muito importante na cozinha do agricultor. O biscoito é importante igual o que dá na nossa lavoura” (S.S.R., Agricultor, Encarregado).

Após o arremate, inicia-se a ladainha por algumas mulheres, e conta com a presença de alguns visitantes vindos de Cavalcante e também de um único turista. Mas, a maioria desses visitantes segue para o barracão antecipando a festa. Apesar de a folia ser em devoção a Santo Antonio, as rezas agradecem e pedem bênçãos a Nossa Senhora Aparecida, a Virgem Maria e outras santos.

Terminado, os ritos religiosos todos seguem para o barracão para participar da festa que já está acontecendo. O encarregado da festa previa a presença de mais de 500 pessoas, mas havia aproximadamente 300 entre moradores, convidados e turistas. O jantar comunitário foi preparado com esta expectativa e foi servido após as 21:00 horas, interrompendo o som de música sertaneja e forró. Muitos não se serviram preferindo beber nas barraquinhas dispostas no lugar da festa. Após o jantar, o encarregado e foliões convidam a todos para o bendito de mesa. Após esse rito, o som automotivo é acionado imediatamente por um dos visitantes, competindo com as músicas cantadas por uma dupla de sertanejo de Cavalcante. E no interior do barracão o forró uniu moradores e turistas rompendo com as diferenças (Figuras 39 e 40).



Figura 39. Fila para o jantar comunitário. Folia de Santo Antônio, Engenho II. Foto: MOREIRA, Jul. 2011.



Figura 40. Turistas e moradores dançam o forró ao som de uma dupla sertaneja. Folia de Santo Antônio, Engenho II. Foto: MOREIRA, Jul. 2011.